

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

BRUNA RISQUIOTO BATONI

**TRABALHO PROFISSIONAL E TRABALHO REPRODUTIVO NO IMAGINÁRIO
COLETIVO DE UNIVERSITÁRIAS**

CAMPINAS

2020

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

BRUNA RISQUIOTO BATONI

**TRABALHO PROFISSIONAL E TRABALHO REPRODUTIVO NO IMAGINÁRIO
COLETIVO DE UNIVERSITÁRIAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como exigência para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Orientadora: Prof.^a Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

CAMPINAS

2020

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

155.633
B334t

Batoni, Bruna Risquoto

Trabalho profissional e trabalho reprodutivo no imaginário coletivo de universitárias / Bruna Risquoto Batoni. - Campinas: PUC-Campinas, 2020.

115 f.: il.

Orientador: Tânia Maria José Aiello Vaisberg.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2020.

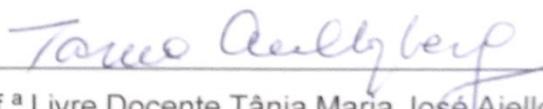
Inclui bibliografia.

1. Mulheres - Aspectos psicológicos. 2. Sofrimento. 3. Psicanálise. I. Vaisberg, Tânia Maria José Aiello. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

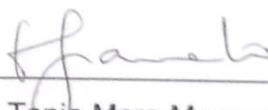
CDD - 22. ed. 155.633

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA
BRUNA RISQUIOTO BATONI
TRABALHO PROFISSIONAL E TRABALHO REPRODUTIVO NO IMAGINÁRIO
COLETIVO DE UNIVERSITÁRIAS

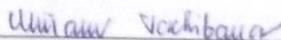
Dissertação defendida e aprovada em 04 de fevereiro
de 2020 pela Comissão Examinadora



Prof.^a Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg
Orientadora da Dissertação e Presidente da
Comissão Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-CAMP)



Prof.^a Dra. Tania Mara Marques Granato
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-CAMP)



Prof.^a Dra. Miriam Tachibana
Universidade Federal de Uberlândia
(UFO)

À minha mãe e família por todo apoio em minha trajetória acadêmica
A todas mulheres que sonham por tempos com mais equidade e respeito

Agradecimentos

À minha orientadora Tânia Maria José Aiello-Vaisberg.

Minha sincera gratidão por ser uma mentora astuta, observadora, inteligente e cheia de vida para ensinar. Tê-la em minha vida foi uma experiência enriquecedora, que levarei com amor para onde eu for. Eu posso afirmar que saí extremamente transformada deste ciclo do mestrado, com outras visões, pensamentos e modo de agir. Obrigada por me tornar alguém melhor. Seu trabalho inspira-me, despertando sentimentos de sempre querer dar o melhor para mundo.

À minha querida orientadora de iniciação científica, professora de psicanálise e grande auxiliadora em meu caminhar do mestrado Sueli Regina Gallo-Belluzzo.

Sem esta pessoa muito querida este caminho não teria sido possível. Obrigada pelo carinho nestes anos todos de parceria e pelos constantes incentivos para eu me tornar uma mestre. Eu agradeço por todos os aprendizados, pela paciência e pela forma com a qual sempre me ajudou. Eu a admiro muito e és muito importante em minhas decisões profissionais.

Às minhas queridas amigas Annie Rangel Kopanakis, Debora Ortolan Fernandes de Oliveira e Marina Miranda Fabris Zavaglia.

Suas ajudas no grupo de pesquisa foram extremamente importantes para mim como profissional e como pessoa. Ter feito amigas como vocês nesta jornada é uma grande felicidade. Obrigada por todos nossos momentos de aprendizado, pelas caronas e nossas tardes de cafés e conversas intermináveis. Agradeço de coração todo o apoio que nosso grupo desenvolveu.

Aos colegas do grupo de pesquisa que passaram em minha vida.

As cooperações entre nossas pesquisas e estudos tiveram grande relevância para nosso amadurecimento como pesquisadores e eu sou extremamente grata a isto. Em especial agradeço ao Carlos Del Negro Visintin e Gisele Meirelles Fonseca-Inacarato pelo modo de trabalharem comigo.

Ao meu amigo querido Karam Valdo.

Por todos os anos de amizade verdadeira. Nem sei como agradecer tudo que se dispôs a me auxiliar sempre que precisei e por contribuir para meu aprimoramento pessoal e profissional.

À querida coordenadora de graduação Vanessa Cristina Cabrelon Jusevicius. Pelo incentivo em sempre me desenvolver mais.

À minha mãe Elizabeth Terezinha Risquioto.

Por conversar comigo ampliando meu olhar sobre a vida. Agradeço-a por todo apoio em minhas escolhas, por todas as risadas felizes ou abraços quando eu precisava. Este vínculo é parte significativa das minhas escolhas e empatia.

Aos meus familiares, principalmente Amélia E. F. Rischioto, Carlos Ernesto Rischioto, Ricardo L. Lopes Rischioto, Ernesto A. Lopes Rischioto e Carlos L. Lopes Rischioto.

Que me proporcionaram chegar até aqui. Meu reconhecimento por todos afetos que temos uns pelos outros e pelo apoio constante.

Aos meus queridos amigos.

Sou-lhes grata pelas experiências que me proporcionaram e por entenderem meus dias de estudo.

Às secretárias da Pós-Graduação em Psicologia, Maria Amélia Domingues Gonçalves e Elaine Cristina Machado de Oliveira.

Pelo esclarecimento de dúvidas.

Aos membros da Banca do Exame de Qualificação da Dissertação, Fabiana Follador e Ambrosio e Tânia Mara Marques Granato.

Por suas contribuições significativas que me fizeram refletir sobre a sensibilidade do tema.

Ao CNPq.

O presente trabalho foi realizado com apoio CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil

Resumo

Batoni, B. R. Trabalho Profissional e Trabalho Reprodutivo no Imaginário Coletivo de Universitárias. 2020. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas. 2020.

O objetivo do presente estudo é investigar o imaginário coletivo de universitárias sobre a dupla jornada feminina na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta. Justifica-se a partir da observação corrente e da experiência clínica que indica que as mulheres vivenciam sofrimentos associados ao fato de viverem numa sociedade que as onera com a necessidade de conciliar atividades profissionais com responsabilidades domésticas. Organiza-se como pesquisa qualitativa com o método psicanalítico, articulada ao redor de uma entrevista psicológica coletiva com 30 estudantes, mediada pelo Procedimento Desenho-Estória com Tema. Os próprios desenhos e histórias, elaborados pelas participantes, bem como uma narrativa transferencial do encontro, constituem o registro do material da pesquisa. As manifestações dos participantes foram consideradas psicanaliticamente, possibilitando a interpretação de um campo de sentido afetivo-emocional, “Meu dinheiro, meu conforto e minha diversão”, que se organiza ao redor da fantasia de que a mulher é bem-sucedida quando é financeiramente independente, vive com conforto e usufrui de lazer de boa qualidade. O quadro geral indica que as participantes imaginam que a mulher bem-sucedida é aquela que alcança independência financeira que lhe permita usufruir de conforto e lazer. Ter um trabalho altamente significativo, do ponto de vista da realização pessoal, casar-se e ter filhos não figuram como aspirações relevantes. Desse modo, parecem escapar da dupla jornada por meio do cultivo de um mercado individualismo e pela perspectiva de uma vida voltada para a satisfação das próprias necessidades.

Palavras-chave: mulheres, sofrimento social, dupla jornada, imaginário coletivo, método psicanalítico.

Abstract

Batoni, B. R. Labor and Reproductive Work in the Collective Imaginary of Women's Undergraduate Students. 2020. 115f Dissertation (Psychology Master's Degree) – Pontifical Catholic University of Campinas, Life Sciences Center. Graduate Program in Psychology, Campinas. 2020.

The objective of this study is to investigate the collective imaginary of undergraduate students about women with higher education, professionally active, and have a double duty, from a concrete psychoanalytic psychology perspective. It is justified from current observation and clinical experience that indicates that women experience suffering associated with the fact that they live in a society that burdens women in general with the need to reconcile professional activities with domestic responsibilities, the so-called double duty. It is organized as qualitative research with the psychoanalytic method, articulated around a collective psychological interview of 30 students, mediated by the Thematic Drawing-Story Procedure. The research material is constituted of the drawings and stories created by the participants, as well as the transference narrative of the encounter written by the author. The participants' creations were psychoanalytically considered, allowing the interpretation of an affective-emotional field denominated " My money, my comfort and my fun" which is organized around the fantasy that a woman is successful when she is financially independent, lives comfortably and enjoys good quality leisure. The overall frame indicates that participants imagine that the successful women are the ones who achieve financial independence that allows them to enjoy comfort and leisure. Accordingly, by having a thoroughly meaningful work, from a personal fulfillment point of view, lead to other aspects such as getting married, and having children are not seen as relevant aspirations. In this way, they seem to escape the double duty by cultivating a marked individualism and the prospect of a life focused on meeting their personal needs.

Keywords: women, social suffering, double duty, collective imaginary, psychoanalytic method.

Sumário

Apresentação	11
Capítulo 1: Delimitando o Problema de Pesquisa	14
Capítulo 2: Discorrendo sobre a Literatura Nacional	20
Capítulo 3: Apresentando Estratégias Metodológicas	29
Capítulo 4: Registrando Comunicações	41
Capítulo 5: Interpretando e Estabelecendo Interloquções Reflexivas	76
Considerações Finais	96
Referências Bibliográficas	99
Anexos	110

Apresentação

*Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar
(Desconstruindo Amélia - Pitty)*

A experiência clínica em atendimentos psicológicos de mulheres adultas, que comparecem tanto como pessoas que buscam atenção individual, como na qualidade de mães de crianças e adolescentes, ou ainda de integrantes de casais e famílias, e os estudos sobre maternidade, adolescência feminina e violência doméstica, desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”¹, motivaram-nos a realizar o presente estudo. Decidimos focalizar uma das facetas dos dramas vividos pelas mulheres na atualidade: como conciliar a vida profissional com responsabilidades domésticas, vale dizer, como se posicionar diante da perspectiva da dupla jornada? Trata-se de um fenômeno importante, contemporâneo à emergência de políticas neoliberais² que coincidem, historicamente, com a segunda onda do feminismo e com uma inserção notável das mulheres no mundo do trabalho (Fraser, 2019).

Assim, optamos por realizar pesquisa qualitativa com método psicanalítico com o objetivo de investigar o imaginário de jovens universitárias sobre a dupla jornada feminina. Tratando-se de questão fortemente mobilizadora, tratamos de utilizar um recurso mediador, que nos permite formulá-la de modo indireto e, assim, tanto zelar pelo conforto emocional das participantes como favorecer maximamente o processo

¹ Uma visão abrangente dessa produção pode ser encontrada no currículo *lattes* da orientadora.

² Entendemos por neoliberalismo uma forma de organização que sucedeu o chamado estado de bem-estar social, no qual o capitalismo era organizado pelo Estado, por sua inversão, de modo que o mercado acaba guiando a política. Conforme Fraser (2019), “... os proponentes desse novo capitalismo queriam usar o mercado para domesticar a política [...] No lugar do dirigismo, promoveram a privatização e a desregulamentação; em lugar de provisão pública e cidadania social, *trickle-down* e responsabilização pessoal; em lugar dos Estados de bem-estar social e desenvolvimentistas, um Estado competitivo enxuto e mesquinho” (p.48).

de associação livre. Interessa-nos, portanto, estudar imaginários de mulheres jovens, tendo em vista compreender os campos vinculares em que ocorre, sem deixar de considerar os contextos macrossociais. Entendemos que desse modo produziremos conhecimento compreensivo, que contribuirá não apenas para a prática psicológica, em vertentes preventivas e interventivas, mas, também, como subsídios para debates no âmbito dos movimentos sociais e da sociedade civil como um todo.

Organizamos o texto desta dissertação de mestrado em seis capítulos, conforme descrevemos a seguir. Inspirando-nos no gosto de D. W. Winnicott pelos gerúndios, usamos essa forma verbal em todos os títulos, visto que faz pensar em processos que acontecem no tempo.

O primeiro capítulo, *“Delimitando o problema de pesquisa”*, aborda a situação da mulher que atualmente tem oportunidade de frequentar um curso superior e de construir carreira profissional. Sabemos bem que a grande maioria das mulheres trabalhadoras não detém formação superior. Contudo, optamos por estudar a situação das universitárias na medida em que os esforços e investimentos financeiros em sua educação apresentam-se como elementos que exercem pressão contrária à opção exclusiva pelo trabalho doméstico, favorecendo a organização da vida em termos de dupla jornada.

No segundo capítulo, intitulado *“Discorrendo sobre a Literatura Nacional”*, consideramos estudos científicos que focam as dificuldades da mulher no mercado de trabalho. Por meio de tais leituras, pudemos ampliar nossa visão acerca dessa questão na sociedade brasileira, estabelecendo um diálogo a respeito das temáticas abordadas e tecendo comentários sobre as conclusões dos artigos consultados.

“Apresentando Estratégias metodológicas”, o terceiro capítulo, é composto por três partes. Na primeira, apresentamos a fundamentação metodológica, focalizando o uso do método psicanalítico, que reconhecemos como invariante ao longo do tempo, no campo do conhecimento psicanalítico. Considerando que esse método gera material que deve ser tratado segundo alguma dentre as várias perspectivas teóricas psicanalíticas, declaramos nosso alinhamento conforme a psicologia psicanalítica concreta, cujos conceitos principais definimos na segunda parte do capítulo. Na terceira parte apresentamos os procedimentos investigativos de operacionalização do

método psicanalítico na pesquisa qualitativa, tendo em vista facilitar a comunicação com pesquisadores que aderem a outros referenciais teóricos.

Em seguida, no quarto capítulo, intitulado “*Registrando Comunicações*”, apresentamos os desenhos e as histórias produzidos pelos estudantes e uma narrativa transferencial, escrita de memória, pela pesquisadora, após a entrevista psicológica coletiva. Desse modo, cumprimos o demandado pelo procedimento investigativo de registro do material de pesquisa, já que todo encontro inter-humano é, por sua própria natureza, evanescente. Ambas as formas de registro correspondem a atos humanos expressos na terceira área da conduta (Bleger, 1963/2007).

No quinto capítulo, “*Interpretando e Estabelecendo Interloquções Reflexivas*”, apresentamos o campo de sentido afetivo-emocional criado/encontrado a partir da interpretação do material de pesquisa, fornecendo exemplos de condutas imaginativas que nele emergiram. Além disso, revisitamos nossa interpretação para pensá-la à luz das contribuições de outros autores, entre os quais destacamos Winnicott e Federici.

As “*Considerações Finais*” arrematam a dissertação, no intento de retomar o tema geral comentando o resultado interpretativo, demonstrando o que conseguimos, apontando limitações e sugerindo novas pesquisas.

Capítulo 1:

Delimitando o Problema de Pesquisa³

*A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado
E não entende o porquê
Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber
(Desconstruindo Amélia - Pitty)*

O objetivo da presente pesquisa é investigar o imaginário coletivo de universitárias sobre a dupla jornada, vale dizer, sobre a possibilidade/necessidade da mulher conciliar a vida profissional e o trabalho doméstico que, à luz do pensamento de Federici (2019), definimos como trabalho reprodutivo. Entendemos por trabalho reprodutivo o conjunto de cuidados, realizados em âmbito doméstico, que abrangem alimentação, higiene, repouso, tratamento de sintomas e doenças, vale dizer, um grande número de tarefas a partir das quais as pessoas podem adentrar nas atividades que se realizam em esfera pública (Federici, 2019). O termo reprodutivo desta forma representa a persistência e a manutenção da vida. O trabalho reprodutivo tem sido realizado muito predominantemente por mulheres, na qualidade de donas de casa e mães, que podem ser auxiliadas por outras mulheres, sejam parentes ou empregadas remuneradas.

³ O presente capítulo é uma versão melhorada do texto "Mulher Contemporânea com Oportunidade de Construção de Carreira: Considerações Preliminares", que tem, como co-autoras, Bruna Risquioto Batoni, Sueli Regina Gallo-Belluzzo e Tânia Maria José Aiello-Vaisberg. Apresentado na 16ª Jornada Apoiar/USP 2018 e publicado e-book do evento.

Com essa intenção, pesquisamos o imaginário de graduandas sobre a possibilidade de vivenciar a carreira profissional conciliando-a, ou não, com a vida familiar. Tal questão nos parece muito significativa, na medida em que provavelmente apresenta inegável centralidade no que diz respeito ao modo como se configuram as relações de gênero na sociedade em que vivemos.

A pesquisa foi realizada com alunas de nível superior, porque essa questão faz parte da trajetória que estão empreendendo. Podemos, portanto, dizer que se trata de um estudo sobre o imaginário acerca do próprio futuro, investigado a partir de uma estratégia de caráter brincante, a saber, o Procedimento de Desenho-Estória com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999). Desse modo, a produção do material é realizada durante uma entrevista que transcorre em atmosfera lúdica e relaxada, algo que nos parece especialmente apropriado, do ponto de vista ético, diante de participantes convidadas a cooperar voluntariamente com uma pesquisa psicológica.

Problema de Pesquisa

Nas últimas décadas, aumentou, de forma bastante expressiva, o número de vagas disponíveis no nível superior brasileiro (Borges & Aquino, 2012). Tal fato tem valor, mas não podemos deixar de citar que merece reflexão crítica, pois ser estudante universitária nem sempre garante acesso a ensino de qualidade, visto que muitas instituições não apresentam condições de proporcionar uma formação satisfatória. Na verdade, as políticas governamentais têm incentivado a proliferação de faculdades particulares, dedicadas apenas ao ensino, mas desobrigadas de desenvolver atividades de pesquisa, o que reverbera diretamente na qualidade dos cursos, pois aquele que não exerce o ofício de pesquisador torna-se um transmissor inevitavelmente menos qualificado ⁴.

Entretanto, não podemos deixar de admitir que certa facilitação no processo de obter um diploma de nível superior passou a se constituir como uma possibilidade concreta para pessoas que até bem pouco tempo não teriam condições de considerar a faculdade como um caminho possível. A população feminina mostrou-se fortemente

⁴ Um dos modos de incentivar a proliferação de cursos particulares consiste no oferecimento de financiamento estudantil a alunos de baixa renda (Borges & Aquino, 2012; Bauer, 2010). Por esta via, são feitos acenos de caráter populista, enquanto se garante aos empresários do setor que não arcarão com ociosidade de vagas.

afetada por tal configuração, conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Legislação e Documentos - INEP (2018), que registraram uma progressiva diminuição da diferença de escolaridade média entre homens e mulheres e também que a porcentagem de mulheres que finaliza o ensino superior já ultrapassa a dos homens.

Cabe aqui uma indagação acerca dos motivos pelos quais as mulheres vêm aproveitando muito a crescente oferta de vagas no nível superior. Segundo Beltrão (2002), o aumento do nível de escolaridade feminino é uma questão multifatorial altamente relacionada à queda de fecundidade, da morbidade e da mortalidade das mulheres e de seus filhos. Além disto, também estaria ligado ao advento dos movimentos feministas que possibilitaram às mulheres conquistas como o direito de voto e de fazer escolhas a respeito de seus estudos e suas profissões (Barros & Mourão, 2018; Pessoa & Borges, 2018). Entretanto, mesmo com o crescimento do número de mulheres que concluem o ensino superior, as escolhas de carreiras refletem a estratificação sexual das profissões. Constatamos que nos cursos de magistério, bem como naqueles que formam profissionais que se dedicarão ao cuidado de pessoas, como psicologia, enfermagem e mesmo medicina, é considerável a presença feminina que, contudo, não deixam de buscar outras alternativas (Barros & Mourão, 2018; Ricoldi & Artes, 2016).

De todo modo, é de se esperar que a mulher que completou uma formação acadêmica, que evidentemente exigiu empenho e esforço pessoal, familiar e social, numa sociedade em que ocorrem reivindicações de igualdade, nutra aspirações de carreira que ultrapassem a visão do trabalho como destinado apenas ao suprimento de necessidades financeiras. Assim, a maior presença da mulher na universidade possibilita que sua inserção no mercado de trabalho deixe de se dar unicamente como busca de sustento, para ocorrer, também, em termos de aspirações de realização profissional. Tal fato resulta na conquista crescente de preparo diferenciado, gerador de novos efeitos sobre o mundo laboral e a vida social (Ricoldi & Artes, 2016; Gomes, Machado-Taylor, & Saraiva, 2018).

Contudo, mesmo com número de mulheres universitárias atingindo mais de 50% das matrículas, a população feminina ainda se defronta, no mercado de trabalho,

com barreiras e dificuldades para alcançar cargos de alto grau hierárquico (INEP, 2018; Ricoldi & Artes, 2016). Evidências simples de desigualdade podem ser rapidamente enunciadas, quando lembramos que hoje a mulher, no Brasil, recebe, em muitas empresas, entre 25% e 50% do salário de seu colega de trabalho homem, com mesmo cargo e com formação acadêmica semelhante (Santos & Oliveira, 2017; Scott, 2012; Zanello, Fiuza, & Costa, 2015). Esta realidade contribui para que a mulher vivencie conflitos com certas crenças, que se mantêm vigentes na sociedade contemporânea, sobre quais seriam as obrigações femininas (Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2017, 2019).

Em pesquisa na qual entrevistaram mulheres que se definiam como profissionalmente bem-sucedidas, Losada e Rocha-Coutinho (2007) encontraram que ser mãe e ter um relacionamento afetivo-sexual gratificante são metas por meio das quais se afere a realização pessoal. Convergentemente, Zanello (2018) em seu livro sobre saúde mental, gênero e dispositivos, por meio de seus estudos com base em dados históricos, de pesquisas com diversas classes sociais e análises de revistas e filmes, encontrou que para a mulher se sentir completa deve viver conjugalmente e tornar-se mãe. O estudo realizado por Figueiredo, Nascimento e Rodrigues (2017) apresenta a conclusão de que, no mercado de trabalho, as mulheres são tidas como objetos centrais de desejo de homens e sentem-se pressionadas a se adequarem ao padrão hegemônico de beleza. A mulher vivenciaria a sensação plena de sucesso se sua aparência estivesse conforme os cânones sociais da beleza feminina.

A relação entre ser mulher e atender à possibilidade de carreira envolve questões conflitantes, pois, socialmente, espera-se que constitua e assuma uma família (Zanello, 2018). Tal expectativa gera sofrimentos, na medida em que a vida familiar habitualmente onera muito o cotidiano feminino, enquanto permite que os homens possam se dedicar mais livremente ao trabalho e apenas auxiliar nas tarefas domésticas, sem por elas se responsabilizar (Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2016b, 2017, 2019).

Se os movimentos feministas possibilitaram às mulheres de classe média entrarem no mercado de trabalho remunerado, não conseguiu resolver a desigualdade entre homens e mulheres, que, para agravar, somou-se àquela que passou a existir

entre mulheres. Ao assumirem a vida pública, as mulheres não ficaram desobrigadas a serem as únicas responsáveis pelas tarefas domésticas e de cuidado das crianças, vale dizer, do chamado “trabalho reprodutivo” (Federici, 2019). Ao invés de pressionarem os parceiros a compartilharem essa atividade, passaram a compartilhá-la com mulheres de classes subalternas, que contratadas por quantias modestas, assumem os cuidados de crianças e de idosos, preparam refeições, limpam as casas, lavam roupas. Essa solução, entretanto, pode ser considerada como problemática, visto que cria uma relação de exploração entre mulheres, que fica ainda mais complexa em função dos preconceitos que envolvem o trabalho doméstico, que não sendo considerado trabalho real, corresponderia sempre a baixas remunerações. Desta forma, a contratação de empregadas domésticas mantém as mulheres como responsáveis pelo trabalho de reprodução, enfraquecendo a luta contra a tradicional divisão de trabalho na família (Federici, 2019). Quanto às mulheres das classes subalternas, continuam a trabalhar fora e a assumir sozinhas o trabalho reprodutivo. Quando aceitam um emprego como empregadas domésticas, são mal remuneradas, cuidam da família de outras pessoas e deixam as suas para trás.

Uma conquista importante para a população brasileira foi obtida a partir do reconhecimento no artigo 5 da Constituição de que homens e mulheres gozam dos mesmos direitos e devem cumprir os mesmos deveres (Brasil, 1988). Essa mudança no registro legal apresenta inquestionável valor, na medida em que pode fortalecer transformações sociais no plano das práticas cotidianas, que, sem dúvida, favorecem o processo de implantação de transformações reais. Corresponde a um esforço inicial, que se dá em um momento específico de um processo concreto, que visa que a igualdade legal se torne uma de fato, dado que habita muitos imaginários conservadores com relação às questões de gênero (Santos & Oliveira, 2017; Scott, 2012).

Enquanto o trabalho reprodutivo continuar a ser responsabilidade individual ou familiar, não haveria, de acordo com Federici (2019), modo de evitar a contratação de trabalhadoras domésticas, pois não há como cuidar de pessoas doentes ou dependentes ao mesmo tempo que se exerce um emprego fora do lar. Assim, essa autora entende que o movimento feminista deveria batalhar para obrigar o Estado a reconhecer o trabalho reprodutivo como necessário e de valor e a assumir a

responsabilidade financeira por ele. Por essa via, chegar-se-ia a uma melhoria das condições de exercício do trabalho doméstico e a um fortalecimento da solidariedade entre as mulheres. A autora reconhece que essa ideia parece, à primeira vista, estranha, o que, de nossa parte, atribuímos ao fato de estarmos habitando há muito tempo imaginários de desvalorização do trabalho reprodutivo. Contudo, como faz questão de frisar, no plano prático muitos governos que admitem ajudas assistenciais, na linha do programa brasileiro Bolsa Família⁵, poderiam redirecionar recursos para o pagamento do trabalho reprodutivo, caso não estivessem profundamente comprometidos com políticas que visam a geração de desigualdades (Piketty, 2019)

As pesquisas sobre gênero vêm ganhando força na sociedade atual e evidenciam as opressões históricas que as mulheres vivenciaram e vivenciam dentro das organizações (Barros & Mourão, 2018; Ferreira, Bastos, & D'Angelo, 2018). Entendemos assim que muitas mulheres, que pretendem ser empreendedoras ou autônomas, preferem ser donas do próprio negócio para levar vida pessoal com mais flexibilidade e para evitar preconceitos vigentes no mundo corporativo.

A partir do que encontramos nesses estudos, vale dizer, que a mulher que tem formação universitária defronta-se com a possibilidade do desafio de ter que conciliar atividades e decidir os caminhos de vida a percorrer, interessa-nos saber se as graduandas, que se encaminharão para a construção de uma carreira profissional, dão-se conta de que enfrentarão essas questões. Por esta razão, estabelecemos como objetivo da presente pesquisa o estudo do imaginário de universitárias sobre a dupla jornada, na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta. Como se verá, no capítulo metodológico, fizemos ajustes metodológicos para evitar respostas racionalizadas ou politicamente corretas e favorecer a emergência de respostas associativas as mais diversas, que pudessem expressar diferentes modos de considerar e posicionar-se diante da dupla jornada de trabalho.

⁵ O Programa Bolsa Família, foi criado pela Lei nº 10.836/04, sendo um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza no Brasil. Tem-se dois limites de renda familiar para se fazer parte do programa: famílias com renda por pessoa até 85,00 reais mensais e famílias que tenham até 170,00 reais mensais, desde que tenham crianças e adolescentes até 17 anos, em sua composição (Brasil, s/d).

Capítulo 2:

Discorrendo sobre a Literatura Nacional⁶

*Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida
(Maria, Maria - Milton Nascimento)*

A exemplo do que acontece em serviços de saúde de modo geral, o número de mulheres que circula em clínicas e serviços de psicologia costuma sempre superar o de homens, não apenas porque a profissão é predominantemente feminina, mas também porque crianças, adolescentes e idosos são quase sempre acompanhados por mulheres, na condição de mães, empregadas domésticas, avós e outras parentes. A observação da rotina dessas instituições revela, de modo nítido, que o cuidado a pessoas necessitadas de ajuda psicológica corre em geral por conta de mulheres, o que raramente significa que estas se dediquem, atualmente, apenas a tarefas domésticas (Federici, 2019). Assim, sua presença como acompanhantes liga-se, via de regra, ao fenômeno da dupla jornada, que possivelmente é, hoje, o modo mais comum de organização da rotina feminina, valendo a pena lembrar que essa não

⁶ O presente capítulo é uma versão modificada do texto "A mulher e a conciliação de atividades: dialogando com a literatura empírica", que tem, como co-autores, Bruna Risquoto Batoni, Carlos Del Negro Visintin, Sueli Regina Gallo-Belluzzo e Tânia Maria José Aiello-Vaisberg. Apresentado na 16ª Jornada Apoiar/USP 2018 e publicado no e-book do evento.

acontece apenas no contexto da família nuclear, mas também quando coabitam, sob o mesmo teto, três ou quatro gerações, incluindo adultos descasados que moram com irmãos e irmãs, igualmente descasados, com seus filhos, pois, mesmo nesses casos, os membros masculinos dificilmente se encarregarão de certas tarefas⁷.

Mesmo quando a mulher se encontra inserida no mundo laboral, encontramos fortemente instaladas práticas que colocam a responsabilidade por cuidados, que em grande parte ocorrem como tarefas domésticas, sob responsabilidade direta da mulher ou de uma outra mulher que a substitui quando está realizando tarefas profissionais (Zibetti & Pereira, 2010). Este problema tem sido bastante reconhecido na literatura, mas nem sempre é traduzido para aquilo que é tão claro para o psicólogo que adota a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, vale dizer, como arranjo que gera sofrimento social. Deste modo, a partir de nossa preocupação com o sofrimento feminino, que se associa à dupla jornada e suas consequências, propomos, no presente capítulo, um diálogo com a literatura científica sobre a mulher e o mercado de trabalho, para analisar se e como aparece o fenômeno da dupla jornada nas produções de outros pesquisadores.

Realizamos buscas na literatura científica brasileira utilizando a BVS-Psi⁸ e a Scielo⁹ Brasil visando responder a uma pergunta norteadora: “o que se tem produzido cientificamente a respeito da mulher com oportunidade de construir carreira, de interesse para uma pesquisa psicológica brasileira com foco na dupla jornada?” Usando os descritores “mulher” / “mulheres” e “dupla jornada” ou “conciliar” não

⁷ Enganam-se aqueles que imaginam que a divisão sexual das tarefas implica relação conjugal, pois a experiência indica que quando homens e mulheres, que mantêm vínculos fraternos, filiais, paternos ou maternos, vivem sob o mesmo teto, o trabalho reprodutivo é assumido, via de regra, pela mulher.

⁸ BVS-Psi Brasil (Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia Brasil) surgiu com o objetivo de garantir o acesso à informação de forma rápida e precisa, através da seleção, organização e disseminação da informação em um espaço virtual especializado, assegurando ao psicólogo e pesquisador da Psicologia o acesso eficiente, online e equitativo aos produtos e serviços de qualidade disponibilizados na Internet e especialmente desenvolvidos para a sua qualificação profissional. Trata-se de uma iniciativa conjunta do Conselho Federal de Psicologia (CFP), do Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (SBD/IPUSP) e a Organização Pan-Americana da Saúde - representação Brasil, através de seu Centro Latino Americano de Informação em Ciências da Saúde - BIREME, que reúnem grande número de publicações científicas brasileiras (Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia, s/d).

⁹ A Scielo Brasil (Scientific Eletronic Library Online) é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros e surgiu como resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde e conta com o apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Packer, Cop & Santos, 2014; Scielo, s/d).

obtivemos resultados. Observamos, assim, que o fenômeno que nos interessa estudar não figura desse modo na literatura, fato que em si mesmo já provoca uma certa reflexão, pois tivemos que fazer todo um percurso para constatar que a melhor forma de busca é a que se realiza usando com o termos “mulher” e “mercado de trabalho”.

Quando utilizamos os descritores “mulher” *and* “mercado de trabalho”, no singular e no plural, obtivemos um total de 46 artigos na Scielo.br e 259 na BVS-Psi, que somados, antes da detecção das produções repetidas, totalizam 305 produções. Descontadas repetições, chegamos a um total de 222 produções. A seguir, aplicando um filtro temporal, excluimos trabalhos anteriores a 2013, para chegar à soma de 96 textos.

Tendo em vista o elevado número de artigos, iniciamos nosso trabalho pelo exame dos títulos, resumos e palavras-chave de modo a selecionar aqueles textos empíricos que abordavam a questão da mulher no mercado de trabalho desde perspectivas que conversam mais diretamente com nossas preocupações investigativas. Assim, procedemos a uma análise temática que nos permitiu organizar o material em termos de 8 eixos: 1) área médica: saúde feminina de forma geral, 2) tipos de trabalhos remunerados, 3) público alvo adolescentes, 4) histórias de mulheres nos movimentos feministas, 6) público alvo masculino ou estrangeiro e mercado de trabalho para graduados, 7) dados estatísticos sobre o mercado de trabalho brasileiro e 8) dupla jornada.

A quantidade de eixos encontrados revela, por si mesma, que, dada sua complexidade, a questão da mulher no mercado de trabalho pode ser acessada ou está vinculada a diferentes recortes. Entretanto encontramos, entre os 96 títulos examinados, apenas um conjunto de 7 artigos que tematizam de modo bastante claro a questão da dupla jornada, que apresentamos, a seguir, nas tabelas 1 e 2. Vale notar que nenhum deles havia retornado em nossa primeira busca, quando utilizamos os termos “mulher” / “mulheres” e “dupla jornada” ou “conciliar”, bem como o termo “dupla jornada” rende um único trabalho na Scielo e 24 na BVS-Psi, sendo que a maioria neste são de mais de dez de publicação e voltados à área de saúde e doença.

A tabela 1 traz informações relativas a ano de publicação, autoria, área, revista e metodologia.

Tabela 1.

Artigos do eixo Dupla Jornada descritos com Ano, Autor, Título, Área e Metodologia

N°	Ano / Autores	Título	Área / Revista	Metodologia
DJ1	2018 Medeiros & Pinheiro	Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil, 2013	Economia / Revista Sociedade e Estado	Análise de dados estatísticos do PNADs
DJ2	2017 Madalozzo & Blofield	Como famílias de baixa renda em São Paulo conciliam trabalho e família?	Economia / Rev. Estud. Fem. [online]	Entrevistas estruturadas individuais com análises estatísticas dos resultados
DJ3	2016 Barbosa & Alvarez	Trabalho feminino no setor <i>offshore</i> na Bacia de Campos-RJ: percepção das trabalhadoras e estratégias usadas na gestão dos tempos de vida e de trabalho	Sistemas de Gestão / Gest. Prod.	Entrevistas semiestruturadas tanto individuais quanto coletivas com análise qualitativa de resultados
DJ4	2016 Cunha & Vasconcelos	Fecundidade e participação no mercado de trabalho brasileiro	Economia / Nova econ. [online]	Análise de dados estatísticos do PNADs
DJ5	2016 Sousa & Guedes	A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década	Economia / Estud. av.	Análise de dados estatísticos do PNADs
DJ6	2015 Queiroz & Aragón	Alocação de tempo em trabalho pelas mulheres brasileiras	Economia / Estud. Econ.	Análise de dados estatísticos do PNADs
DJ7	2013 Vieira & Amaral	A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher	Psicologia / Saude soc. [online]	Entrevista com análise de conteúdo

A seguir, apresentamos, na tabela 2, os objetivos e resultados dos artigos em consideração.

Tabela 2.

Apreciação Geral dos Artigos do Eixo Dupla Jornada

N°	Objetivo	Resultados
DJ1	O estudo investigou a desigualdade de gênero no uso do tempo para trabalho no Brasil	Os resultados apontaram que há muita desigualdade dentro do grupo dos homens bem como dentro do grupo das mulheres e que os trabalhos femininos, pago e não pago, são os que mais contribuem para a desigualdade total na sociedade, visto que o trabalho doméstico masculino não é frequente. As mulheres invariavelmente trabalham mais que os homens, somando tempo de trabalho remunerado com tempo de trabalho não remunerado, ou seja, doméstico.
DJ2	O estudo investigou a diferença de gênero no mercado de trabalho, sua relação com as responsabilidades familiares em	Os resultados apontaram que as obrigações de cuidado das crianças são distribuídas de forma desigual entre os pais, mesmo quando as mães trabalham fora de casa. As mulheres encontram dificuldade para conciliar as responsabilidades familiares com o mercado de trabalho, além de existir discriminação para a contratação de mães de crianças pequenas, o que causa impacto na renda familiar. A falta de creches e pré-escolas públicas tem impacto direto na decisão das mães em participar ou não do mercado de trabalho.

	população de baixa renda	
DJ3	O estudo investigou as relações entre vida familiar e vida profissional de trabalhadoras <i>offshore</i>	Os resultados apontaram que as mulheres adiam a maternidade ou tem dificuldades para conciliar a maternidade com o trabalho <i>offshore</i> , e precisam de uma boa infraestrutura para continuar nessas funções, como o apoio de empregada doméstica e familiares que auxiliem nos cuidados do lar e familiares.
DJ4	O estudo investigou os determinantes da fecundidade e da participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro	Os resultados apontaram que quanto à fecundidade, os efeitos dos salários são maiores entre as mulheres de baixa renda, refletindo o maior custo de oportunidade de ter filhos para elas. Quanto à participação no mercado de trabalho, a sensibilidade em relação aos salários é menor entre as mais pobres, o que pode indicar que outras variáveis estão afetando o comportamento das mulheres, tais como cultura, religião, falta de acesso a creches e à informação. Captou-se a tendência atual de queda na fecundidade e de aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro, mas o fato de ser casada reduz a participação delas. Há uma correlação negativa entre fecundidade e participação no mercado de trabalho, concluindo que a grande responsabilidade da mulher no cuidado com os filhos, a impede de se inserir no mercado e que aquelas que trabalham podem decidir restringir o tamanho de suas famílias.
DJ5	O estudo investigou a divisão sexual do trabalho no Brasil e entre suas regiões	Os resultados apontaram que permanece uma separação laboral que reserva aos homens, de forma predominante, os espaços produtivos, apesar da elevação em sua participação doméstica, e às mulheres uma maior participação no mercado de trabalho, mas que não veio acompanhada de uma compensação na realização do trabalho doméstico, que continua como tarefa exclusiva e pouco compartilhada com os homens. As mulheres adiam a maternidade e reduzem o número de filhos, a fim de poderem investir em suas profissões, até atingirem uma determinada estabilidade ou sucesso profissional.
DJ6	O estudo investigou a participação feminina no mercado de trabalho e quantidade de horas de dedicação à atividade profissional	Os resultados apontaram que a educação, a condição de ser chefe de família, o acesso à creche colaboram para aumentar a inserção da mulher no mercado de trabalho, enquanto que o casamento, a maternidade, a construção da família e o salário do marido reduzem a oferta de trabalho para as mulheres. O acesso a creches eleva a probabilidade de inserção feminina no mercado de trabalho, bem como as horas trabalhadas e a renda do marido apresenta efeito negativo sobre a decisão de trabalho da mulher. Para estimular a entrada das mulheres no mercado de trabalho é necessário maior investimento em educação da mulher e ampliação da oferta de creches.
DJ7	O estudo investigou mulheres em tripla jornada, conciliando as atividades profissionais, o cuidado com a família e as exigências da educação continuada	Os resultados apontaram que as mulheres interiorizam um sistema de disposição eminentemente masculino que orienta as suas escolhas e ações, no campo familiar, educacional e do trabalho. Portanto, o conceito de gênero reflete uma estrutura de dominação simbólica e relacional, mesmo que elas não tenham consciência disso. Para conciliarem os novos papéis as mulheres continuam a adotar o mecanismo de externalização das atividades domésticas para outras mulheres, as empregadas domésticas e de contar com o "apoio" do marido, revelando que a mulher se coloca como ser menos capaz, que precisa de um protetor. O ideal das mulheres é o de ser beija-flor, ágeis, bem-sucedidas em todos os papéis, mas com leveza e sem perder a feminilidade.

Os artigos apreciados convergem ao investigarem as mulheres que são responsáveis pelo lar, pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos.

Os trabalhos de Madalozzo e Blofield (2017) e de Vieira e Amaral (2013) podem ser considerados conjuntamente, apesar do primeiro investigar mães e pais de crianças com menos de seis anos de idade, pertencentes a extratos sociais de baixa renda, por considerarem que nesse grupo conflitos entre trabalho remunerado e não remunerado são mais graves, enquanto o segundo consiste em pesquisa com mulheres com pós-graduação e provenientes de extrato social elevado. Madalozzo e Blofield (2017) encontraram clara desigualdade na distribuição das tarefas domésticas e cuidados dos filhos entre os pais, mesmo quando as mães trabalham fora de casa. Além disso, estas se ressentem da falta de creches e pré-escolas públicas. Tais mulheres se inserem no mercado de trabalho para melhorar a renda familiar ou para prover o sustento da família, quando são separadas ou mães solteiras. Já as mulheres que participaram da pesquisa de Vieira e Amaral (2013) tinham filhos adolescentes ou jovens adultos, fizeram carreira e ocupavam cargos de direção ou eram autônomas, mas se encontravam em situação doméstica também caracterizada por maior responsabilidade do que os companheiros.

Nos estudos de Madalozzo e Blofield (2017) e Vieira e Amaral (2013) as mães assumem mais responsabilidades que os pais, quanto ao cuidado dos filhos e tarefas domésticas, porém as mulheres de baixa renda encontram uma rede de apoio mais frágil, com dificuldade de acesso a creches ou pré-escola e assumem, praticamente sozinhas, todas as tarefas domésticas. As mulheres estudadas por Vieira e Amaral (2013) assumem mais responsabilidades que seus companheiros no âmbito familiar, mas apresentam condições financeiras suficientes para pagar boas escolas para seus filhos e contam com a ajuda de empregada doméstica para as tarefas do lar. Nesses dois estudos fica evidente que, independente da classe social e do nível de instrução, as mulheres sofrem com a distribuição desigual das responsabilidades com filhos e casa. Entretanto, aquelas de baixa renda encontram mais dificuldade quanto à rede de apoio e, em decorrência, sofrem mais discriminação por parte dos empregadores, que as consideram menos comprometidas com o trabalho que os homens, pois poderão se ausentar para cuidar dos filhos quando ficam doentes.

Medeiros e Pinheiro (2018) e Sousa e Guedes (2016) concluem que há uma desigualdade de gênero no tempo dedicado ao trabalho remunerado e não remunerado. Os homens ainda contribuem pouco com as tarefas domésticas, que continuam sendo tratadas como exclusivas das mulheres. Porém, diferentemente dos

outros dois estudos, de Madalozzo e Blofield (2017) e Vieira e Amaral (2013), não abordam as dificuldades encontradas para conciliar essas atividades, apenas apresentam os valores numéricos que confirmam a diferença de tempo dedicado às atividades domésticas e cuidados de filhos, para mulheres e homens.

Cunha e Vasconcelos (2016) e Queiroz e Aragón (2015), autores que são da área de economia, investigam os efeitos dos salários sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho. Concluem que fatores como educação, condição de ser chefe de família e acesso a creches contribuem para o aumento da remuneração, enquanto maternidade, casamento e salário do marido tendem a reduzi-la. Cunha e Vasconcelos (2016) estudaram uma variável a mais, ou seja, a relação entre fecundidade e inserção no mercado de trabalho. A oferta de emprego é reduzida para mulheres-mães de baixa renda, visto que elas terão dificuldade para encontrarem creches ou redes de apoio para o cuidado das crianças. Aquelas que pretendem manter seus empregos acabam reduzindo o número de filhos.

Esses estudos apontam a dificuldade das mulheres que são mães para inserção no mercado de trabalho, porém não discorrem sobre os problemas que elas encontram para compatibilizar vida profissional e cuidado de filhos. Assim, diferenciam-se de Madalozzo e Blofield (2017) e Vieira e Amaral (2013) que abordam explicitamente a dupla jornada e os obstáculos para conseguir conciliar.

O estudo de Barbosa e Alvarez (2016), que se propõe investigar trabalhadoras *offshore*, apresenta um desenho de pesquisa diferente dos demais. As participantes são mulheres que trabalham em plataformas de petróleo, num regime de tempo pouco usual, que lhes demanda 14 dias de atividade laboral, distante do domicílio, e, a seguir, folgam 14 dias. Embora essas mulheres encontrem dificuldade para conciliar cuidados dos filhos e atividade profissional, não estão envolvidas, num mesmo dia, com essas duas demandas. Os resultados encontrados indicam que essas profissionais conseguem lidar relativamente bem com esse esquema tanto enquanto solteiras como enquanto casadas sem filhos. Entretanto, malgrado recebam remuneração relativamente alta, muitas desistem do trabalho quando decidem engravidar e aquelas que o mantêm, sendo mães, parecem bastante desconfortáveis, diante da realidade de passar metade do mês fora de casa, mesmo quando contam com redes de apoio confiáveis. Assim, apresentam-se constantemente preocupadas

com a saúde e bem-estar dos filhos, sofrem por não estarem presentes em comemorações de aniversários e outras datas especiais, necessitando contar com redes de apoio confiáveis. O estudo desse regime de trabalho mostra, assim, que continua prevalente a crença de que o melhor cuidado infantil é aquele propiciado pela mãe biológica. Desse modo, altas qualificações profissionais que implicam longos períodos longe do domicílio parecem adequadas apenas para homens, independentemente de serem pais, e para mulheres que não tenham filhos.

Podemos afirmar, considerando os sete estudos encontrados na presente revisão, que a entrada da mulher no mercado de trabalho vem sendo pensada e vivida de modo dissociado em relação ao fato de lhe ser atribuída responsabilidade praticamente exclusiva pelo bem-estar dos filhos. Enquanto de um lado são abertas várias portas, nos momentos de formação e capacitação profissional, há fortes sinais de que as possibilidades se reduzem quando a maternidade entra em cena. De um certo modo, é como se hoje já fosse possível acreditar que a mulher pode exercer muitos dos ofícios antes considerados como exclusivamente masculinos, enquanto se mantém a crença de que aquele que não é cuidado por sua mãe biológica está destinado a ser uma pessoa profundamente prejudicada. A consequência prática, dessa equação, passa, assim, pela necessária renúncia à maternidade, caso a mulher tenha aspirações profissionais que lhe exigiriam não ser a principal ou única cuidadora do filho, bem como por dificuldades de ascensão profissional daquelas que, pertencendo a camadas médias ou pobres, são penalizadas por viverem divididas entre exigências profissionais e necessidades dos filhos.

Parece oportuno, evocar aqui o estudo de Frohlick (2006), que traz uma interessante discussão moral, que focaliza o caso de uma mulher-mãe alpinista, que morreu enquanto descia a segunda maior montanha do mundo. Compreensivelmente, o exercício de uma atividade, que gera risco de morte, é visto como algo criticável quando a praticante é uma mulher-mãe. Sua dedicação ao esporte é, assim, facilmente condenada como evidência de seu egoísmo e obsessão. Em contrapartida, homens alpinistas não são julgados tão severamente por se arriscarem. Assim, não paira sobre eles a mesma severidade de julgamento, provavelmente porque o afastamento paterno, mesmo sendo considerado indesejável, é visto como muito menos grave e prejudicial do que o afastamento materno.

Finalizamos o capítulo lembrando que, ao cumprir seu objetivo de abordagem da literatura científica sobre a dupla jornada em nosso país, não incluiu estudos sobre a experiência vivida por mulheres diante da perspectiva ou da realidade cotidiana da dupla jornada¹⁰. Assim, ao mesmo tempo em que reconhecemos o interesse e utilidade dos artigos considerados, afirmamos a necessidade de realização de estudos empíricos sobre a questão da dupla jornada que possam incluir sentidos afetivo-emocionais e gerar conhecimento útil para a clínica psicológica e para debates no âmbito dos movimentos sociais. Essa é uma necessidade que deve ser seriamente considerada na medida em que reconhecemos que, na atualidade, a vida social é fortemente demarcada por questões de gênero, segundo as quais os dramas do viver se configuram, razão pela qual homens e mulheres, vivendo na mesma sociedade e no mesmo momento histórico, são diferentemente afetados e apresentam sofrimentos emocionalmente diversos (Zanello, 2018; Winkler, 2019).

¹⁰ Tampouco Bandeira, Ferreira e Cabral (2019), que publicaram uma alentada revisão sistemática usando o descritor de *work-family conflict*, encontraram estudos focalizando a experiência vivida de mulheres cuja rotina inclui trabalho profissional remunerado e trabalho doméstico. Trabalhando com a base *Scopus*, encontraram apenas 41 artigos entre 2008 e 2018, o que indica claramente que o assunto não tem sido suficientemente pesquisado. Ademais, o presente texto só foi encontrado quando essa dissertação já estava finalizada.

Capítulo 3:

Apresentando Estratégias Metodológicas

*We say to girls
"You can have ambition
But not too much
You should aim to be successful
But not too successful
Otherwise you will threaten the man "
(Flawless - Beyoncé ft. Chimamanda Ngozi Adichie)*

Neste capítulo apresentamos as estratégias metodológicas e os pressupostos teóricos que adotamos para realizar esta pesquisa qualitativa com método psicanalítico. O capítulo é organizado em três seções. Na primeira delas, fundamentamos o uso do método psicanalítico na pesquisa qualitativa. A segunda parte traz a descrição dos principais conceitos que sustentam nossa perspectiva teórica, que é a da psicologia psicanalítica concreta. Na terceira seção descrevemos os procedimentos investigativos, vale dizer, o modo como operacionalizamos o método psicanalítico.

Método psicanalítico na pesquisa qualitativa

Embora a psicanálise seja considerada uma forma de psicoterapia e um conjunto de teorias, parece correto afirmar que consiste, antes de mais nada, em um método de investigação. Herrmann (1979/1991) destaca que esse método é

logicamente anterior às teorias e procedimentos clínicos que dele derivam. Na definição do verbete “psicanálise” Laplanche e Pontalis (1967/2001) destacam a anterioridade do método:

“Disciplina fundada por Freud e, na qual, com ele, podemos distinguir três níveis:

A) Um método de investigação que consiste essencialmente na evidenciação de significado inconsciente das palavras, ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um indivíduo. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do indivíduo, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres.

B) Um método psicoterapêutico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência da transferência e do desejo. Com este sentido se relaciona o uso de psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico, exemplo: começar uma psicanálise (ou uma análise).

C) Um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e tratamento” (pp 384-385).

A psicanálise vem sendo legitimada como uma abordagem fértil para a produção de conhecimento científico, uma vez que podemos utilizá-la enquanto método, dentro ou fora do contexto de atendimento a pacientes. Ademais, de acordo com Herrmann (1979/1991), é possível diferenciar três tipos de pesquisas psicanalíticas. O primeiro apresenta cunho teórico-conceitual, inclinando-se sobre textos psicanalíticos a partir de métodos hermenêuticos, como, por exemplo, os trabalhos de Fulgêncio (2013, 2015, 2017) ou de Campos (2009, 2011). O segundo tipo consiste em estudos que utilizam métodos positivistas e neopositivistas, considerando que ciências humanas e ciências naturais devem usar um único método. Encontram-se nesse segundo grupo os estudos de Kernberg (1975), Simon (1989, 2015) e Yoshida (2008, 2012), por exemplo, que levantam hipóteses de estudo a partir de conceitos teóricos psicanalíticos para desenharem pesquisas empíricas que fazem uso do método positivista. Por último, temos as investigações que utilizam a psicanálise enquanto método, dentro e fora do contexto analítico, como as de Herrmann (2005) e Aiello-Vaisberg (2017), que procuram manter uma relação não submissa a teorias pré-estabelecidas, de maneira a criar e encontrar diferentes sentidos que sejam capazes de contribuir com estudos compreensivos a respeito de diversos fenômenos humanos. Evidentemente, esses três tipos de pesquisa podem produzir conhecimentos úteis, pois leituras pormenorizadas de textos contribuem para

o aprofundamento da teoria e certos recortes positivistas podem, quando cuidadosamente considerados, trazer informações relevantes. Contudo, não há como negar que as pesquisas que tomam a psicanálise como método são aquelas que realizam de modo mais pleno a vocação heurística desse campo do saber (Herrmann, 1979/1991).

O método psicanalítico apresenta caráter intersubjetivo. Entretanto, existem duas formas básicas por meio das quais o material produzido pelo método pode ser teorizado. Essas correspondem a dois paradigmas, denominados estrutural-pulsional e estrutural-relacional (Greenberg & Mitchell, 1983/1994). O primeiro consiste na visão metapsicológica, que supõe que a unidade de estudo da psicanálise seria o indivíduo, concebido como organismo e visto como uma entidade separada das condições concretas de sua existência. O segundo estabelece as configurações relacionais como o fundamento da existência, concebendo o ser humano como essencialmente vincular (Greenberg & Mitchell, 1983/1994).

Escolhemos, para refletir e teorizar sobre os achados que o método psicanalítico proporciona, em nossas pesquisas, a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, fundamentando-nos em Bleger (1963/2007), leitor de Politzer (1928/1998), filósofo crítico da metapsicologia que, a seu ver, pressupõe a psicanálise como uma ciência abstrata, universal e descolada dos contextos sociais, nos quais se insere o acontecer humano. A perspectiva relacional de Bleger (1963/2007) distingue-se de outras ao situar as interações afetivas em contextos econômicos, culturais, históricos e geopolíticos. Deste modo, esse autor escapa do equívoco comum, no campo psicanalítico, de reduzir o social ao familiar, mas abrange uma inscrição verdadeiramente macrossocial (Sas, 2002).

A perspectiva relacional privilegia estudos da experiência em termos dramáticos e próximos ao viver humano, vale dizer, evitando elaborações explicativas de cunho metapsicológico, pelo seu caráter abstrato, fisicalista e positivista. Assim, buscamos, a partir das interpretações, produzir conhecimento compreensivo, por meio de um processo de revisitação das interpretações à luz de teorias e de autores que facilitem uma percepção mais clara e profunda da dramática vivida, o que é muito

diferente de especular sobre a dinâmica entre energias que percorreriam um suposto aparelho psíquico.

Na presente pesquisa lançamos mão do método psicanalítico, a partir de suas duas operações fundamentais: associação livre de ideias e atenção flutuante, adotando uma perspectiva relacional específica: a psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007).

Segundo Laplanche e Pontalis (1967/2001), associação livre e atenção flutuante, são definidas como:

“Associação Livre (método ou regra de -): Método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea” (p. 38).

“Atenção (uniformemente) flutuante: Segundo Freud, modo como o analista deve escutar o analisando: não deve privilegiar *a priori* qualquer elemento do discurso dele, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção. Essa recomendação técnica constitui o correspondente da regra da associação livre proposta ao analisando” (p. 40).

Podemos verificar que as definições dessas operações fundamentais se mantêm no plano do diálogo verbal, fato compreensível, visto que a psicanálise começou como atendimento de adultos neuróticos. Atualmente, à luz da psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007), ampliamos o termo “atenção flutuante” e tomamo-lo como desapego a saberes e crenças, no cultivo de uma atitude de abertura e acolhimento aos diferentes modos pelos quais podem se expressar os dramas vivenciados pelas pessoas, como em músicas, filmes, desenhos e histórias, entre outros. Na mesma linha, ampliamos a noção de associação livre de ideias no sentido de estarmos disponíveis para vivenciar impactos afetivo-emocionais que a expressão subjetiva de participantes provoca no pesquisador/psicanalista (Ávila, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2008; Chinalia, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2014).

Conceitos fundamentais

O objeto de estudo da psicologia psicanalítica concreta são as manifestações humanas, individuais e coletivas, a partir de sua consideração enquanto experiência vivida, digamos, enquanto fenômeno vincular de caráter afetivo-emocional, que sempre se insere em ambientes sociais e naturais. Para colocar em andamento o método psicanalítico recorreremos a três conceitos básicos da psicologia psicanalítica concreta: conduta, campos de sentido afetivo-emocional e imaginário coletivo como conduta e campo.

A conduta é definida como toda e qualquer atividade humana, considerada individual ou coletivamente. Tal conceito envolve três áreas de expressão: a mental ou simbólica, como pensamentos, crenças e fantasias; a corporal, como reações fisiológicas e movimentos corporais; e a de atuação no mundo externo, como atos, gestos e práticas. Desta forma, consideramos que todo acontecimento humano se associa a condições que permitem sua ocorrência. Seja um pensamento ou sentimento, um tremor ou uma aceleração cardíaca, um desenho feito por um indivíduo, ou uma casa ou filme, feito por muitas pessoas, devem ser considerados como condutas.

O termo conduta foi proposto por Bleger (1963/2007), a partir da ideia de drama proposta por Politzer (1928/1998), diferindo muito dos sentidos que o termo assume no contexto das teorias behavioristas. Segundo Bleger (1963/2007), que caracteriza a importância da condição social da pessoa humana, só chegamos a nos integrar como humanos propriamente ditos a partir de experiências que se dão no seio da vida social. Nessa perspectiva, a individualidade, que vivenciamos, seria, de fato, fruto de complexos processos histórico-sociais. Entretanto, vale ressaltar, que a vinculação entre acontecimentos e certas condições não pode ser reduzida a uma relação de causa e efeito (Bleger, 1963/2007). Deste modo, a psicologia psicanalítica concreta afirma que os atos humanos emergem a partir de campos intersubjetivos, sendo que a conduta manifesta condiz sempre com a melhor resposta possível em uma dada situação. Ou seja, a conduta não é causada pelo pensamento, pelo sentimento ou pela fantasia, mas emerge, constela-se, a partir de uma determinação complexa que, ao nível humano e na perspectiva psicológica, deriva de campos afetivo-emocionais de caráter intersubjetivo.

Em consequência desse entendimento, a psicologia psicanalítica concreta propõe que a psicologia não significa estudo da mente, da consciência ou do comportamento, mas se define como estudo dos seres humanos reais e concretos, o que, segundo Politzer (1928/1998), constituiria a vida dramática do ser humano (Aiello-Vaisberg, 1999; Aiello-Fernandes, Ambrosio & Aiello-Vaisberg, 2012; Aiello-Vaisberg & Machado, 2008). Assim, aborda as manifestações humanas individuais ou de grupos em seus sentidos afetivo-emocionais, como experiência vivida.

Parece-nos importante dizer que a conduta, blegerianamente concebida, pode ser investigada psicologicamente em domínios individuais e coletivos, o que fundamenta a concepção de que as pessoas não só são capazes de imaginar individualmente, mas também fazem parte de personalidades coletivas transindividuais, que também imaginam. Tais personalidades são entidades concretas compostas por indivíduos, mas não por um tipo de soma de indivíduos. Exemplos desse tipo de entidade são classe social, grupo profissional, audiência de uma série televisiva, consumidores deste ou daquele produto e torcedores de um time, entre outras. Goldmann (1971), que compartilha a mesma perspectiva concreta de Bleger (1963/2007), desenvolveu essa concepção estudando produções culturais como expressão de autoria coletiva, em outras palavras, como criação intersubjetiva de atos e produtos de atos humanos, tais como uma música da moda ou um dito popular.

Os campos de sentido afetivo-emocional são definidos como mundos vivenciais habitados intersubjetivamente por indivíduos e coletivos humanos, de onde emergem as condutas. Organizados a partir de um conjunto de ideias, crenças, sentimentos e pensamentos, são o fundamento sustentador das condutas humanas (Ambrosio & Aiello-Vaisberg, 2014).

Ressaltamos que o campo de sentido afetivo-emocional diz respeito à configuração hipotética, de um dado momento, em que emergem as condutas, que pode ser dividido em duas vertentes: psicológica e ambiental. O campo ambiental é concebido como uma situação vista por um observador que se encontra em posição relativamente externa ao acontecer em pauta. O campo psicológico corresponde ao que se dá como experiência vivida, a qual apresenta, em grande parte, caráter pré-reflexivo e não consciente, sendo que uma fração relativamente pequena desse será

o campo da consciência. Os campos sempre se constelam em contextos macrossociais, aos quais se articulam intimamente (Sas, 2002). Assim, por exemplo, as interações entre marido e mulher, numa dada família, podem reverberar o que se dá, num plano social, como normas de gênero. O social não é necessariamente reproduzido, mas o que acontece nos campos intersubjetivos está sempre se relacionando com o que é socialmente dado, inclusive quando se almeja uma transformação.

Os campos de sentido afetivo-emocional correspondem, precisamente, ao inconsciente no contexto da psicologia psicanalítica concreta. Essa proposição, inegavelmente uma mudança radical, gera efeitos teóricos e clínicos absolutamente relevantes, na medida em que desconstrói a ideia de um inconsciente recalcado, de caráter intrapsíquico individual e concebe os campos de sentido afetivo-emocional como inconsciente intersubjetivo. Assim, fiel à psicanálise, Bleger (1963/2007) concebe que nossas experiências emocionais transbordam nossas capacidades de nos fazermos conscientes daquilo que vivenciamos. Vale ainda destacar que, diferenciado o campo psicológico do campo da consciência, o autor se mantém fiel à descoberta psicanalítica fundamental sobre o modo de ser humano, que é consciente de si, mas jamais completamente consciente de si. Podemos, portanto, seguindo a elaboração blegeriana sobre campos, afirmar com clareza que o conceito de campo psicológico – que também é denominado campo de sentido afetivo-emocional, corresponde à visão do inconsciente característica da psicologia psicanalítica concreta, que não o vê como instância do psiquismo individual, mas como produção humana coletivamente criada.

Antes de definirmos o conceito de imaginário coletivo como conduta e como campo, vale lembrar que o termo imaginário se tornou muito usado nas conversações, e tem sido conceituado em diversos campos do conhecimento, como na filosofia, nas ciências humanas, aí incluída a psicologia, e na neuropsicologia, de várias formas diferentes. Assim, todo aquele que fizer uso desse termo deve prestar esclarecimento sobre a precisa acepção que lhe confere.

Consideramos o imaginário coletivo como conduta e campo como manifestação de personalidades coletivas autorais. Por ser conduta, o imaginário coletivo gera

efeitos concretos, na medida em que produz verdadeiros ambientes psicológicos – o campo de sentido afetivo-emocional, onde a dramática da vida ocorre, dos quais nem sempre temos consciência. Contudo, embora nem sempre sejam perceptíveis, tais campos encontram-se na base das práticas que organizam a vida social. Já, por ser campo, corresponde a algo que subjaz aos atos, à conduta. Afinal, conduta e campo não são ontologicamente diferentes, na medida em que produzidos por atos humanos, uma vez que a psicologia, como ciência, não se ocupa da ação de poderes sobre-humanos, emanados de deuses ou forças abstratas, nem da ação de elementos infra-humanos, como substâncias neurotransmissoras.

Usando o conceito de imaginário coletivo, realizamos pesquisas que partem da identificação de certas produções imaginativas, com vistas à compreensão interpretativa dos substratos afetivo emocionais que a elas subjazem. Desta maneira, tais investigações, efetuadas por nosso grupo, têm fornecido conhecimentos significativos, que explicitam conteúdos relevantes tanto na orientação de práticas psicoterapêuticas e psicoprofiláticas, como por propiciar subsídios para discussões sociais e debates sobre sofrimentos de diferentes grupos, usualmente vítimas de preconceito e exclusão. Podemos citar algumas de nossas produções, que se articulam a partir do conceito de imaginário coletivo como conduta e campo, fazendo uso de diversos materiais de pesquisa, tais como: entrevistas individuais para abordagem de personalidade coletiva (Assis, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2016), entrevistas coletivas (Gallo-Belluzzo, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2013, Rodrigues, 2016), comunicações via internet, como blogs (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017; Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2019, 2016a, 2016b), obras individuais com intuito de abordagem de personalidade coletiva (Riemenschneider, 2015) e materiais culturais, por exemplo filmes (Ferreira-Teixeira, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2014; Arós & Aiello-Vaisberg, 2009), documentários (Chinalia, 2017), músicas (Aiello-Fernandes, André, & Aiello-Vaisberg, 2016; Aiello-Fernandes, Leão, & Aiello-Vaisberg, 2015).

Segundo a psicologia psicanalítica concreta, o conhecimento compreensivo dá-se a partir da abordagem de imaginários coletivos que se obtém por meio da interpretação psicanalítica de condutas, tendo em vista criar/encontrar campos de sentido afetivo-emocional. Tal processo permite que os resultados sejam originados

na relação, surgindo no encontro entre os seres humanos participantes da pesquisa, ou do encontro entre o pesquisador e o produto de atos humanos como, por exemplo, desenhos, histórias, diários e vídeos.

Procedimentos investigativos

Buscando facilitar o intercâmbio com pesquisadores qualitativos que nem sempre são psicanalistas ou que, sendo psicanalistas, preferem organizar suas investigações de outro modo, operacionalizamos o método psicanalítico em termos de procedimentos investigativos. Na presente pesquisa distinguimos três procedimentos investigativos: 1) de produção do material de pesquisa; 2) de registro do material de pesquisa e 3) de interpretação do material de pesquisa (Aiello-Fernandes, Ambrosio & Aiello-Vaisberg, 2012).

O procedimento investigativo de produção do material foi pautado na realização de uma entrevista psicológica (Bleger 1979/1980), em enquadre coletivo, mediada pelo uso do Procedimento Desenho-Estória com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999). As participantes foram alunas de graduação do curso de psicologia de uma universidade particular do interior paulista, que em sua maioria é composta por alunos de classe média e média alta, escolhidas em função de acessibilidade.

Interessadas em produzir conhecimento sobre imaginários coletivos de universitárias sobre dupla jornada, vale dizer sobre o que imaginam diante da perspectiva de conciliar as atividades profissionais e pessoais, o que facilmente coloca em pauta suas expectativas de futuro, forjamos um tema de caráter transicional, orientando sua imaginação para a figura de “uma mulher bem-sucedida aos 40 anos de idade”.

O tema “uma mulher bem-sucedida” foi escolhido, com um viés para a profissão, tendo em vista estimular transicionalmente a imaginação das participantes, conforme os fundamentos norteadores do uso do procedimento (Aiello-Vaisberg, 1999). A definição da idade de 40 anos deu-se por ser esta, atualmente, uma faixa etária que pode evocar, em moças com menos de 30 anos, fantasias relativas a vidas já definidas e estabelecidas.

O procedimento aqui utilizado descende das estratégias brincantes, propostas por Winnicott (1964/1989) como formas de aproximação dos pacientes, sendo um facilitador de comunicações inter-humanas. Tais estratégias são oriundas dos pressupostos do jogo do rabisco, que se fundamenta no fato de o brincar promover efeitos comunicacionais e terapêuticos nos pacientes (Winnicott, 1964/1989). Ademais, o Procedimento Desenhos-Estórias de Trinca (1976), que sugere ao paciente que faça um desenho livre e, a seguir, conte uma história a respeito dele, tem laços de parentesco com o próprio jogo do rabisco, ambos mediadores brincantes.

Entretanto, Aiello-Vaisberg (1999), com motivação de investigar temas específicos, propôs solicitar o desenho de uma figura ligada a um tema previamente escolhido pelo pesquisador e, posteriormente, a escrita de uma história sobre a figura desenhada. Desse modo, desenvolveu uma metodologia que possibilita a realização de estudos sobre muitos assuntos humanos, especialmente a respeito de questões sociais que podem envolver discriminação e preconceito. Além disto, seu uso possibilita estimular as pessoas a se expressarem, de modo imaginativamente simbólico, sobre os temas que lhe são propostos (Aiello-Vaisberg & Machado, 2008).

No que tange ao procedimento investigativo de produção do material de estudo, abordamos, em período letivo, 35 estudantes de uma classe de psicologia de uma universidade particular do interior paulista, convidando-os a participar da pesquisa. Esclarecemos que não se tratava, de modo algum, de atividade obrigatória, de modo que poderiam recusar-se a participar ou desistir de participar a qualquer momento. A entrevista coletiva foi realizada na sala de aula, estando presentes 31 alunas, 4 alunos, a professora responsável pela turma e a pesquisadora. Mesmo não havendo interesse em considerar, no momento, as produções dos rapazes, esses participaram igualmente da atividade. Todos os presentes manifestaram-se dispostos a participar da entrevista. Entregamos uma folha de papel sulfite e lápis grafite a cada um dos alunos e lhes pedimos que desenhassem “uma mulher bem-sucedida aos quarenta anos de idade” para, a seguir, solicitar que criassem uma história sobre a figura desenhada, escrevendo-a no verso da folha. Demandamos, também, que registrassem sua idade e sexo em cada produção. Informamos que tomamos como material de pesquisa apenas as produções de 30 mulheres, que entregaram as produções, não incluindo os desenhos-estórias produzidos pelos 4 homens presentes

na sala de aula, pois o objetivo deste estudo é investigar o imaginário de mulheres universitárias sobre a dupla jornada, para o que usamos o artifício metodológico, acima referido, de evocar a imagem de um mulher bem sucedida

Os próprios desenhos e histórias atendem ao exigido pelo procedimento investigativo de registro das comunicações (Aiello-Vaisberg, 1999), na medida em que podem ser considerados produtos remanescentes da entrevista psicológica coletiva. Além disso, elaboramos de memória, após o encontro, uma narrativa transferencial do encontro com os participantes, que traz tanto um relato de lembranças do ocorrido como o registro de impactos afetivo-emocionais contratransferencialmente vivenciados. Entretanto, vale a pena destacar que as narrativas transferenciais, pelo seu próprio modo de elaboração, deslizam suavemente, desde a tarefa do registro, para um início do procedimento investigativo de interpretação do material, uma vez que se fazem sob o cultivo de atenção flutuante e associação de ideias (Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron & Beaune, 2009; Aiello-Vaisberg & Machado, 2005).

O procedimento investigativo de interpretação do material clínico consiste na análise do material produzido pelas participantes e pela pesquisadora, contando com a colaboração de integrantes do grupo de pesquisa coordenados pela orientadora. Essa tarefa se faz por meio da observação das seguintes palavras de ordem, que facilitam o entendimento e a realização da interpretação dos campos de sentido afetivo-emocional: “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido” (Herrmann, 2001/2004).

O “deixar que surja” refere-se ao analista/pesquisador entregar-se e envolver-se com o material esperando o surgimento de um broto de sentido. O “tomar em consideração” é a faculdade que considera o conjunto da análise ou de algum segmento, ainda que de forma completamente aberta para o que possa surgir. O “completar a configuração” relaciona-se com atribuir um novo sentido ao que diz o paciente/participante, segundo Herrmann (2001/2004). Porém, temos nos referido a este movimento como produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional (Corbett, 2014).

Finalizamos, apresentando uma forma de discussão que nos parece bastante coerente com o tipo de produção de conhecimento que empreendemos, denominada interlocuções reflexivas. Trata-se de um momento de suspensão do método psicanalítico, pois foram abandonadas a atenção flutuante e a associação livre de ideias, para uma retomada crítica das interpretações à luz de contribuições de outros autores. Consiste em uma etapa investigativa que tem em vista considerar ideias, teorias e pensamentos que auxiliam na compreensão das interpretações formuladas.

Capítulo 4:

Registrando Comunicações

*Um belo dia resolvi mudar
E fazer tudo o que eu queria fazer
Me libertei daquela vida vulgar
(Agora Só Faltava Você - Rita Lee)*

Neste capítulo apresentamos nosso material de pesquisa, vale dizer, os desenhos e histórias produzidos pelas 30 alunas participantes e a narrativa transferencial elaborada pela pesquisadora. Lembramos que esse material surgiu no contexto de uma entrevista psicológica coletiva, realizada em sala de aula, em horário gentilmente cedido por uma professora do curso de graduação em psicologia. Cabe também aqui destacar que ainda que os desenhos-estórias dos rapazes presentes não venha a ser utilizado, uma vez que estamos estudando o imaginário de alunas, há menção aos alunos na narrativa transferencial, uma vez que, como explicado, não foram convidados a se retirar.

Narrativa Transferencial

Ressaltamos nossa opção pelo uso do texto em itálico objetivando lembrar que se trata de texto confeccionado à luz do método psicanalítico, em estado de atenção flutuante e da associação de ideias da pesquisadora. Segue a narrativa transferencial:

A aula aconteceu logo após o intervalo. Ao entrar na sala de aula, junto à professora responsável pela turma, fui apresentada aos poucos alunos que lá estavam. Esperamos que os demais alunos chegassem para iniciar a entrevista coletiva. Demorou um pouco, mas com a sala cheia, eu me apresentei como mestrande, expus minha pesquisa sobre a mulher contemporânea. Distribui as folhas

sulfites e lápis, dei as instruções para desenharem "uma mulher bem-sucedida aos quarenta anos de idade". Ao finalizarem os desenhos solicitei que escrevessem uma história sobre o que haviam desenhado.

Eles começaram a desenhar e eu ouvi rumores, expressões de surpresa, comentários sobre o tema ser difícil e que nunca haviam pensado sobre isso. Alguns comentaram que seus desenhos estavam estranhos, que há anos não desenhavam. Escutei também conversas a respeito do que seria bem-sucedida, questionamentos entre os participantes, se ser bem-sucedido seria para si ou para a sociedade. Um dos rapazes disse que uma mulher bem-sucedida quer confete. Eu fiquei um pouco incomodada com esse comentário, como se para ter sucesso a pessoa precisasse sempre ser elogiada. Uma das alunas afirmou que uma mulher bem-sucedida seria a própria expectativa da jovem aos 40 anos.

A primeira participante que finalizou veio me entregar. O desenho era uma grande árvore, o que me deixou curiosa, eu até pensei se ela não teria entendido minha proposta, então fui olhar, vi que a história tinha a mulher de 40 anos e que finalizava com a palavra fertilidade, o que me deixou mais curiosa ainda. Outros alunos me entregaram suas produções. Olhei atentamente os desenhos e agradeci a cada participante.

Quando todos os alunos finalizaram, perguntei-lhes o que pensavam sobre o tema e a atividade propostos. Prontamente, uma aluna respondeu que seria diferente essa atividade em uma sala de exatas e em uma de humanas. Questionei o porquê e ela respondeu que pensou muito em questões do autoconhecimento, que era importante fazer o que gostava, ser ela mesma, saber se colocar, ter opinião e a expor. Outra menina respondeu dizendo que era importante fazer terapia para que além de se conhecer mais, pudesse encontrar equilíbrio, já outra comentou que a paixão pelas coisas que faz torna alguém bem-sucedida. Dois rapazes disseram que a mulher bem-sucedida é aquela que pode ser ela mesma, sem ficar se preocupando com o que a sociedade irá dizer. Várias outras alunas concordaram, enquanto outras comentaram sobre o trabalho, que o bem-sucedida viria a partir de conquistas profissionais, crescimento de carreira, que quanto mais alto o cargo e mais dinheiro mais sucesso essa pessoa teria. Uma aluna citou a dupla jornada, dizendo que o sucesso é

conseguir conciliar uma carreira promissora com a família, sendo que essa aluna fizera o desenho de uma família. Outras meninas comentaram sobre a importância da família, que é importante para o sucesso terem apoio e pessoas que as amem.

Um dos comentários que mais me fez devanear foi de uma das moças que disse que primeiro imaginou uma mulher com champagne, sendo fina e chique - eu já estava imaginando uma mulher tipo Coco Chanel num vestido tubinho preto, talvez mesmo com o status de uma mulher mais voltada ao glamour; eu pensei a respeito de uma mulher forte e que conquistou o mundo. Mas depois, a aluna concluiu que ela não seria assim, que o sucesso para ela não era isso, era ser feliz, e que por não ter gostado do desenho não quis entregá-lo, mas quis compartilhar suas impressões. Eu pensei, depois quando estava a escrever a narrativa, será que às vezes, permitir-se ter momentos supérfluos, também não é felicidade? Eu lembrei no final do meu intercâmbio, quando brindei com vinho com uns amigos, para alguns isso pode ser chique, mas no momento era algo simples para nós, pela cultura local, todos bebem vinho em Portugal, e eu me senti bem-sucedida por estar comemorando um feito, pensei também nos ritos de Ano Novo. Assim, indago o quanto estamos com medo dos estereótipos e deixamos algumas coisas de lado. Voltei meu pensamento a Chanel, que a meu ver, era uma mulher forte, que mudou o vestuário feminino; lembro-me de ter visto um episódio de série que falou sobre sua vida, que me pareceu bem ativa, com uma vida com aventuras, amores, afetos e desafetos. Então fui pesquisar e percebi que está entre as 100 pessoas mais importantes do século XX segundo uma revista famosa.

Voltando à sala de aula, eu propus algumas discussões para o grupo, apontei que nas pesquisas voltadas à base de dados, a maternidade era foco do sucesso feminino. As alunas argumentaram, falando que a ala médica deve ver a mulher de forma biológica. Eu perguntei sobre a importância da maternidade para elas. Algumas comentaram que gostariam de ter filhos, outras que não, outras falaram que ainda não sabiam, que dependeria de como estaria a vida delas, pois o mundo era complicado para ter filhos, principalmente devido ao panorama político social do país no momento. Comentei que na pesquisa no YouTube, grande parte dos resultados diziam que, a mulher bem-sucedida seria aquela que conquista um homem; as meninas riram e falaram que casar não é mais um foco para ser bem-sucedida, que o trabalho

proporciona mais recompensas e ser feliz como ela mesma é, seria mais importante. Como um fechamento para a questão sobre casamento e a maternidade, uma das meninas trouxe que a felicidade tem que ser acima do que seria esperado da mulher como esposa e mãe.

Após isto, uma das meninas disse que elas gostariam de saber mais sobre o procedimento, eu comentei que ele era um recurso de facilitação de diálogo, para saber mais sobre o que pensavam e fantasiavam a respeito do tema. As estudantes comentaram que era bem interessante e divertido poder conversar por um meio mais lúdico, que se sentiram mais abertas para conversar e contar o que achavam, pois realmente não tinham parado para pensar de forma tão ampla sobre o tema e a proposta em grupo; foi muito interessante para discutirem juntos quem seria essa mulher, os pontos de vista e o que fariam na produção.

Eu expliquei que o procedimento Desenho-Estória era do Trinca baseado no Jogo do Rabisco de Winnicott e que Aiello-Vaisberg trabalha com uma nova vertente idealizada por ela, que seria o Desenho-Estória com Tema, podendo ser usado no consultório, em pesquisas e como recurso pedagógico. Os meninos e as meninas falaram que era uma técnica muito interessante, uma das meninas citou que, como a professora da disciplina tinha dito, não se precisa necessariamente de um teste para levar informações pertinentes a serem trabalhadas pelo psicólogo; exemplificou dizendo que o feito em sala de aula fomentou vários pensamentos e discussões. Após esta parte da conversa finalizei com os alunos, pois já estava quase na hora que marcamos para encerrar. Algumas alunas passavam pela mesa onde eu estava e agradeceram pela visita e pela discussão.

Desenhos-Estórias

Participaram da entrevista coletiva 35 alunos, sendo que apenas uma aluna não entregou seu desenho-estória. Assim, obtivemos ao todo 34 produções sendo 30 realizadas por mulheres e 4 por homens, como não consideraremos a participação masculinas, nesta pesquisa, foram ocultadas as produções 05, 22, 24 e 25. Deste modo, contamos nas próximas páginas com as 30 produções femininas.

Desenho-Estória 01

Participante: 23 anos, mulher



Uma mulher feliz e independente. Que percebeu a tempo que a vida pode ser muito prazerosa e aproveita seu tempo livre viajando e conhecendo lugares bonitos e cheios de cultura.

Uma mulher realizada pessoal e profissionalmente que largou o emprego estressante e trabalha feliz, em um lugar que se sente respeitada e valorizada.

Desenho-Estória 02

Participante: 20 anos, mulher



Essa mulher bem-sucedida é independente, tem estabilidade financeira e trabalha fazendo o que ama. Periodicamente viaja para diferentes lugares ao redor do mundo.

Ela é cercada por pessoas que ama, equilibrando o trabalho com sua vida pessoal.

Desenho-Estória 03

Participante: 23, mulher



Uma mulher bem-sucedida seria aquela confiante de si mesma, e que saiba enfrentar as dificuldades da vida com coragem e sabedoria. Uma mulher bem-sucedida é aquela organizada financeiramente e viajada, de acordo com seu passado e presente, planejando sempre um futuro melhor para si e para aqueles a sua volta.

Uma mulher preparada para se reconstruir caso necessário e feliz com seu trabalho. Mulher cercada de amor e paz.

Desenho-Estória 04

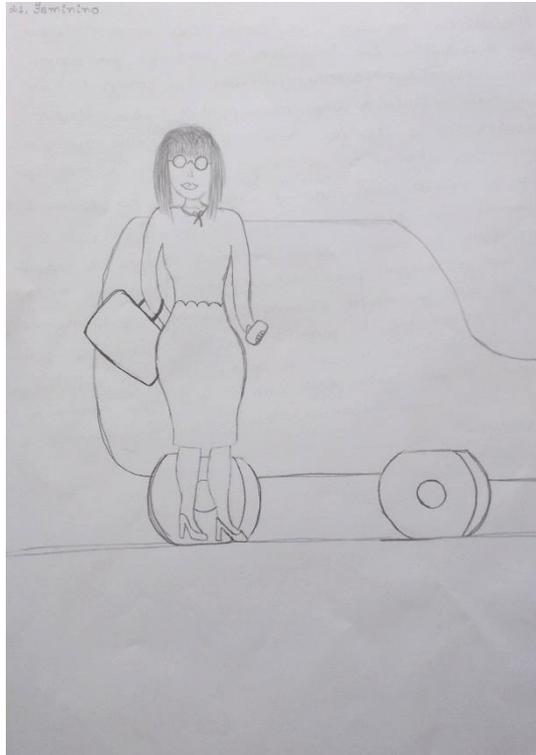
Participante: 21 anos, mulher



Mulher bem-sucedida, 40 anos. Independente financeiramente. Professora de Universidade e também atua na área social (Políticas Públicas). Pratica esportes, hobby preferido é andar de bicicleta no parque e fazer trilhas. Conhecer novos lugares sempre está sempre em seus planos, se sente realizada investindo em viagens e tendo novas experiências de vida; conhecendo novas pessoas e se dedicando ao seu trabalho.

Desenho-Estória 06

Participante: 21 anos, mulher



Jéssica tem 40 anos e se considera uma mulher bem-sucedida. Ela trabalha a 18 anos em uma mesma empresa. Ela começou com um cargo baixo mais seu esforço e bom desempenho foram sendo reconhecidos e ela foi subindo cada vez mais de cargo. Hoje ela está no cargo máximo e sua opinião é muito respeitada e valorizada por todos. Diariamente ela recebe proposta novas e trabalho, mas gosta de onde está e dos seus colegas de trabalho. Ela já viajou para vários países com seu marido que já está casada a 15 anos. Eles viajam pelo menos duas vezes ao ano, e quando não está viajando, paga para que os pais viagem e aproveitem. Ela tem casa própria, e sua casa parece com a casa que sonhava em ter em sua infância. Ela possui 2 filhas e 2 cachorros.

Desenho-Estória 07

Participante: 21 anos, mulher



Ela cresceu em uma cidade pequena, no interior de São Paulo. Sempre estudou em escola pública, e quando estava no 3º ano do colegial passou em uma universidade federal pelas cotas.

Dentro da faculdade começou a se interessar por pesquisa e logo começou a iniciação científica. Posteriormente entrou para o mestrado e doutorado. Suas pesquisas são referências para muitos outros trabalhos e pesquisas.

Já fez muitas viagens pelo mundo, e ama entrar em contato com outras culturas.

Desenho-Estória 08

Participante: 20 anos, mulher



Tirinha da mulher de 50 anos feliz

Na faculdade...

Era uma vez uma estudante de psicologia. Ela estuda muito, eu muito e se forma.

Trabalhando

Trabalha naquilo que gostava, ia todo os dias para trabalhar feliz.

Realizada

Aos 40 anos se sentiu realizada por fazer o que gostava.

Desenho-Estória 09

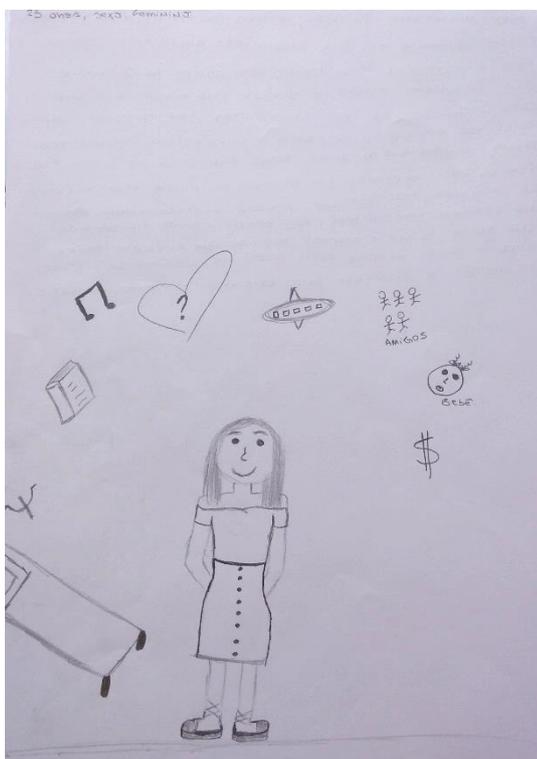
Participante: 20 anos, mulher



Na minha concepção uma mulher bem-sucedida aos 40 anos é aquela que já se vê realizada tanto profissionalmente quanto a sua vida pessoal. No caso desta mulher sendo professora universitária e também trabalhando com psicologia escolar e, além disso, realizada como mãe de dois filhos. Completa pelo amor e por fazer o que gosta.

Desenho-Estória 10

Participante: 23 anos, mulher



Esta mulher tem 40 anos, é uma psicanalista conceituada e bem conhecida em sua cidade. Ela gosta de se vestir bem e conserva seu estilo alternativo da juventude. Ela também gosta de viajar pelo mundo e o faz com frequência, já que tem uma boa condição financeira ela é independente, dona de si, ativista política, feminista e ativa em algumas ongs. Na vida amorosa, ela pode já ter encontrado um parceiro ou ainda estar à procura de alguém, mas isso não significa necessariamente casar. Ela também tem um bebê, pois sempre sonhou em ser mãe. Ela gosta de ler e escutar músicas que a façam sentir vida e pensar na vida. Além disso, ela costuma sair com os amigos da faculdade para barzinhos e eventos culturais.

Desenho-Estória 11

Participante: 20 anos, mulher



Yasmin tem 40 anos formou-se aos 22 anos em psicologia.

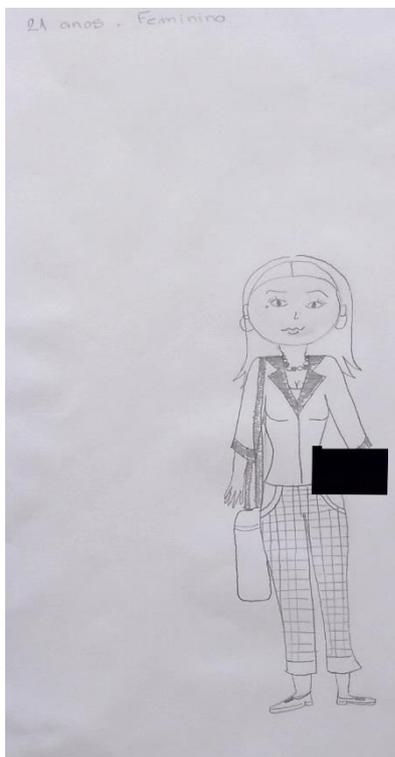
Especializou-se em Transpessoal e nesse meio tempo participou dos encontros do Santo Daime. Conheceu pessoas maravilhosas.

Decidiu que queria fazer algo para transmitir seus ideais de paz. Trabalhou muito com algo que a fazia feliz e realizada.

Não ficou "rua", mas tinha dinheiro para comer saudável, viajar e guardou um pouco para aos 50 anos poder se mudar para as montanhas e ter uma renda suficiente para se manter com sua família (filhas e companheiro).

Desenho-Estória 12

Participante: 21 anos, mulher



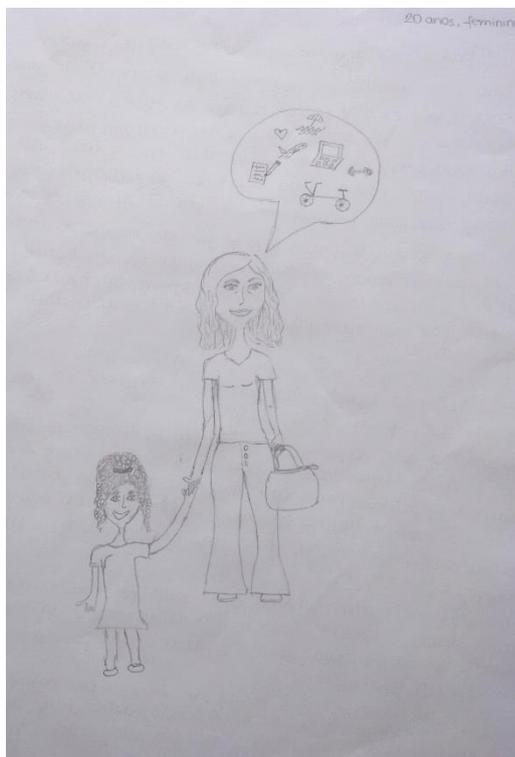
Helena é uma Psicóloga Junguiana, que mora em São Paulo em um apartamento amplo e aberto, com piso de madeira, muitas janelas grandes e plantinhas por todo canto.

Helena além de atender em consultório, participa de projetos sociais e já trabalhou em instituições como CAPS.

Tem 2 filhos, 1 menina e 1 menino e um cachorro. E dirige um jeep. Faz viagens sempre que pode e investe em atividades para sua saúde física e mental como corrida yoga e meditação.

Desenho-Estória 13

Participante: 20 anos, mulher



Nadia, 40 anos, acordou bem cedo para poder comer, se arrumar e acordar sua filha de 10 anos, Cecília, para ir a escola. Depois de deixar a filha na escola, ela segue para o trabalho em uma revista científica, na qual é editora chefe. Como é sexta-feira, Nadia sairá mais cedo do trabalho para viajar com suas amigas para a praia. Esse final de semana a filha ficará com o pai, ex-marido de Nadia. A separação ocorreu há dois anos e foi de mútuo acordo, e ela está aberta para novos relacionamentos, mas crê que ainda não encontrou alguém para dividir a nova etapa de sua vida.

Quando chegar de viagem, no domingo, pretende ir buscar a filha para irem juntas andar de bicicleta no parque, a atividade preferida das duas.

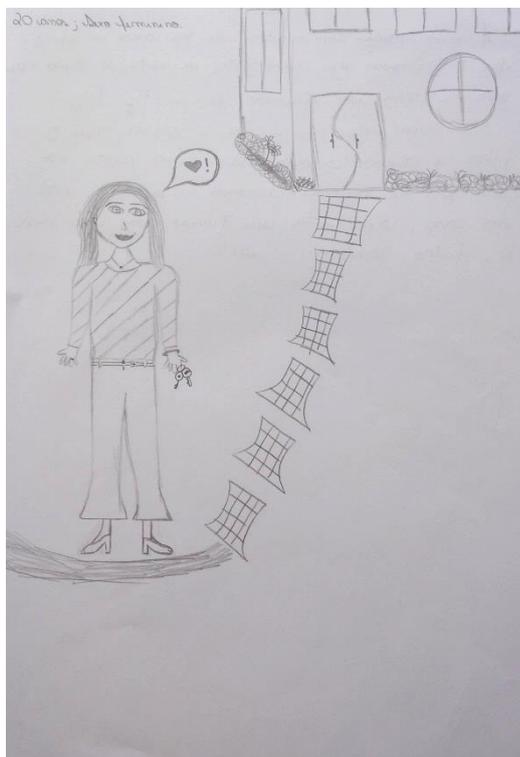
Durante a semana, ela e o ex-marido se revezam nos afazeres da filha. A menina também gosta de passar tempo com os avós maternos e paternos. Nadia gosta muito de praticar exercícios físicos e mentem hábitos saudáveis, e também gosta muito de se reunir com amigos para boas conversas e beber um bom vinho.

Além de seu trabalho, Nadia se interessa por cultura (música, teatro, museus, livros). Gosta muito de escrever e já publicou diversos artigos, em “sua” revista e outras, já que é doutora em história da arte.

Nadia se considera uma mulher de sucesso, pois não se arrepende de nenhuma de suas escolhas, está feliz com a sua realidade e possui muito amor por sua vida.

Desenho-Estória 14

Participante: 20 anos, mulher



A minha mulher bem-sucedida de 40 anos é feliz, faz e fala coisas das quais gosta, e está do modo que gosta e têm um trabalho que a faz feliz.

Ela tem sua própria casa, é casada, tem 3 filhos e alguns cachorros. Passa uma parte do dia fora de casa trabalhando e, quando está em casa, aproveita seu tempo com seu marido, filhos, animais e arte.

Desenho-Estória 15

Participante: 20 anos, mulher



Essa mulher tem um celular em uma das mãos, uma chave de carro na outra e uma bolsa nos braços. Ela está saindo do trabalho e vai encontrar sua família em casa. Ela trabalha em uma grande multinacional, tem marido e 2 filhos e viaja nas férias com a família já que tem bastante dinheiro para isso. Ela é feliz e está bem satisfeita com sua vida. Em casa, com um quintal grande, ela tem 2 cães e um gato dentro de casa.

Desenho-Estória 16

Participante: 20 anos, mulher



Carreira de sucesso, com uma família na qual os filhos já estão formados e o marido também tem um bom emprego que o satisfaz.

Ultimamente está aproveitando para conhecer lugares que sempre sonhou.

Desenho-Estória 17

Participante: 20 anos, mulher



Fulana vive bem nos auge dos seus 40 anos.

Está sempre rodeada de sua família e amigos, espera deixar um legado para o futuro através de suas filhas.

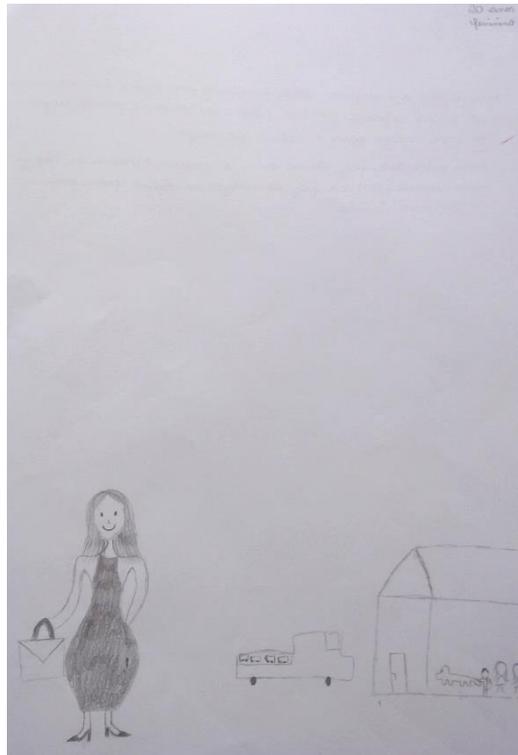
Passou grande parte de sua vida estudando e acredita que assim pode transformar o mundo em um lugar melhor.

Defende causas sociais e tem muito orgulho disso, luta pelos direitos vieis de todos e também defende a educação para todos.

Também possui casa própria, fato muito importante também.

Desenho-Estória 18

Participante: 20 anos, mulher

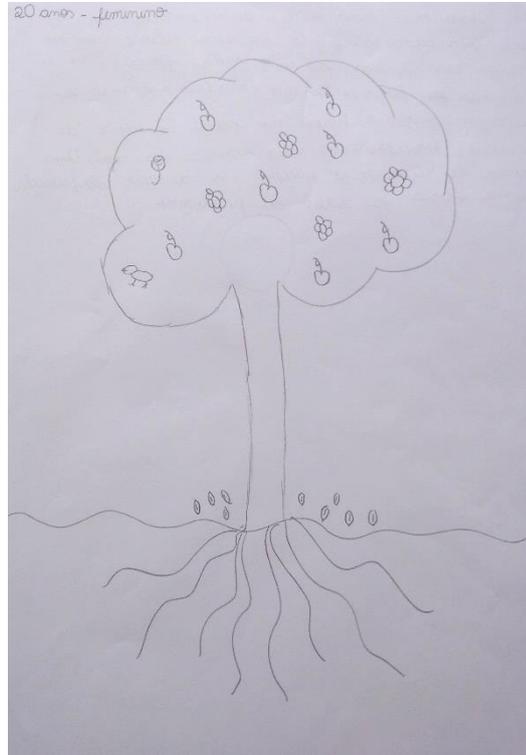


Uma mulher bem-sucedida estaria trabalhando com o que ama, com uma casa própria, confortável, com seus filhos e seus animais, podendo viajar nas férias escolares para o destino que desejar.

Mulher independente, feliz, estando ou não casada, o casamento não é muito relevante, pois será feliz por realizar seus objetivos profissionais e construir uma família.

Desenho-Estória 19

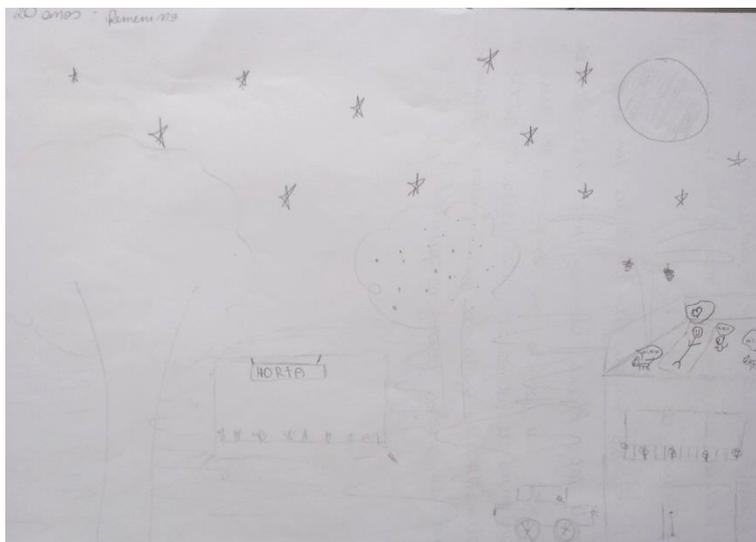
Participante: 20 anos, mulher



Ao pensar em “uma mulher de 40 anos bem-sucedida” me vêm a cabeça a figura de uma árvore, com as raízes bem fincadas ao chão, várias flores, frutos e algumas folhas secas ao chão (demostrando a passagem do tempo). Árvore me passa a ideia de constante transformação, como acontece com nós. Uma mulher de 40 anos já passou por diversos ciclos/estações e em passa a ideia de fertilidade.

Desenho-Estória 20

Participante: 20 anos, mulher

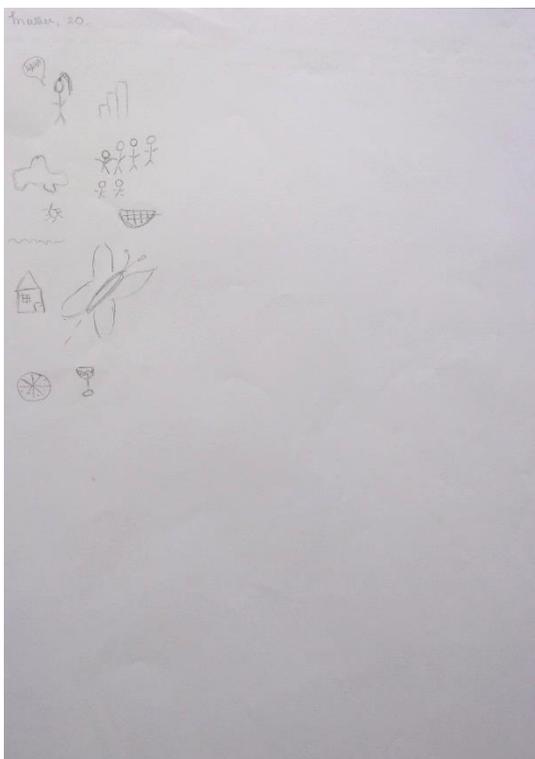


A minha mulher bem-sucedida não é bem-sucedida pelo emprego, mas pela vida pessoal / qualidade de vida.

A minha mulher bem-sucedida tem tempo e se sente prazer em / para apreciar uma noite estrelada e uma lua bonita na companhia de seus animais de estimação; ela gosta de cuidar da alimentação, gosta de comer frutas e legumes que ela mesma produz no quintal.

Desenho-Estória 21

Participante: 20 anos, mulher



Uma mulher bem-sucedida para mim é uma mulher feliz, bem resolvida, que sabe usufruir da sua própria companhia, que conquistou sua independência financeira, mas manteve seus principais e sua meta principal é a felicidade.

Desenho-Estória 23

Participante: 22 anos, mulher



Charlotte tem 40 anos é bem-sucedida, pois tem seus cachorros, sua casa própria, o emprego dos seus sonhos e é rodeada de muito amor pelas pessoas!

Desenho-Estória 26

Participante: 22 anos, mulher



A mulher é bem-sucedida pois trabalha com o que gosta é feliz independente de padrões sociais e se sente feliz consigo mesma.

Desenho-Estória 27

Participante: 21 anos, mulher

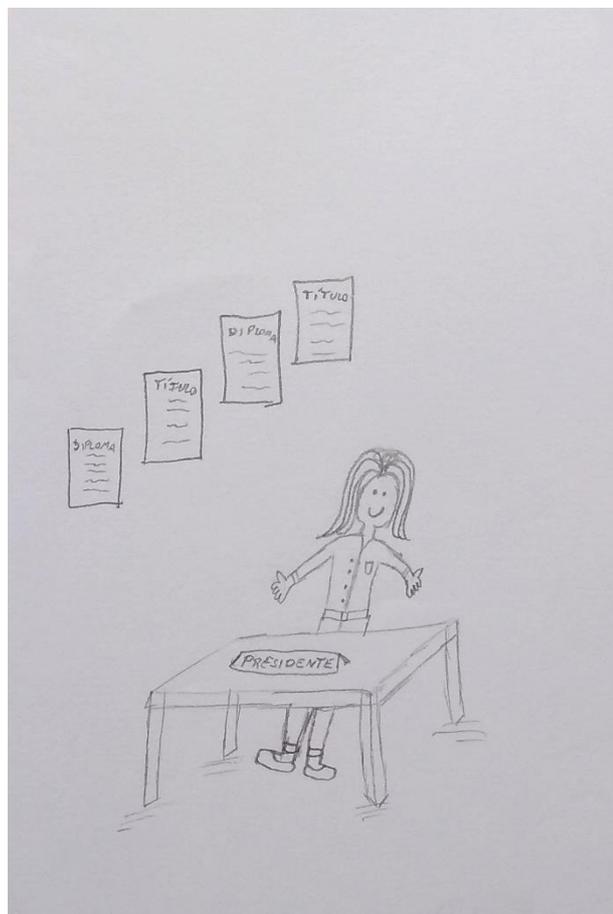


Uma mulher feliz, realizada e que segue seu coração.

Uma mulher bem-sucedida não necessariamente é uma mulher rica com um status sociais, é apenas uma mulher livre de etiquetas sociais.

Desenho-Estória 28

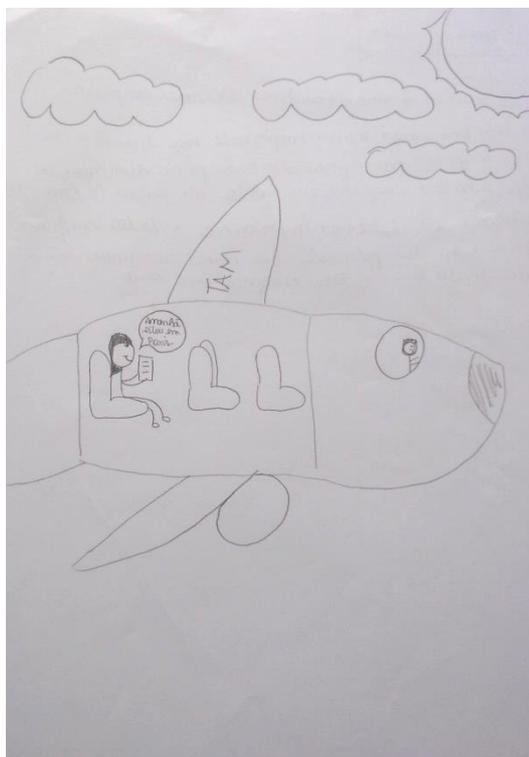
Participante: 20 anos, mulher



É uma mulher bem-sucedida aos 40 anos, pois tem vários diplomas e títulos, é presidente na empresa que trabalha e, principalmente, é bem-sucedida, porque é feliz naquilo que faz no trabalho.

Desenho-Estória 29

Participante: 23 anos, mulher



Está mulher é uma executiva de uma empresa e tem um cargo muito importante nesse trabalho. Ela vive viajando para fora do país para divulgar o seu trabalho e aquilo que gosta de fazer. O seu cargo é de extrema importância e todos confiam nela e em seu potencial. Ela nunca imaginou como ela sendo uma mulher chegaria nesse cargo.

Desenho-Estória 30

Participante: 21 anos, mulher



Marcela é uma psicóloga bem-sucedida trabalha na área de RH de uma multinacional estuda bastante dá palavras em todo o mundo. Além disso é casada, mora em uma casa em São Paulo e viaja o mundo todo.

Desenho-Estória 31

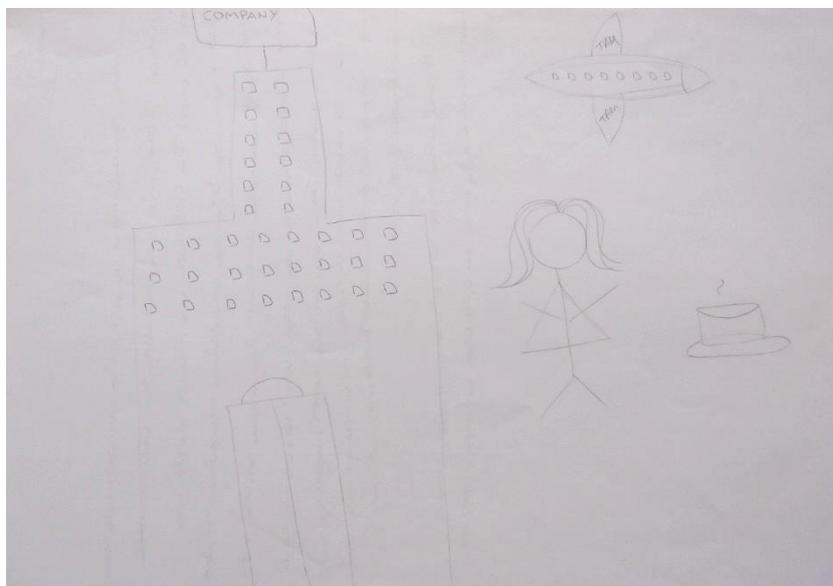
Participante: 21 anos, mulher



Esta é Rafaela, uma mulher de 40 anos, sem filhos. Ela trabalha em uma multinacional há muito tempo. Sempre procurou ser o melhor que pode nos estudos e no trabalho. Atualmente desfruta de um bom salário, carro do ano, uma boa saúde e gosta de fazer viagens internacionais.

Desenho-Estória 32

Participante: 20 anos, mulher



Uma mulher bem-sucedida, não necessariamente tem filhos aos 40 anos, não necessariamente tem um marido aos 40 anos. Ela trabalha e é muito reconhecida pelo o que faz. Estudou e continua estudando muito sobre aquilo que gosta e fazer. Sempre que possível, procura fazer algo que lhe dá prazer, como tomar um café e / ou se cuidar. Viaja para conhecer novos lugares quando possível. Não necessariamente trabalha em uma grande empresa, mas com certeza tem muito êxito naquilo que faz e reconhecida pelos colegas.

Acima de tudo, aos 40 anos é uma mulher muito independente e que gosta de aproveitar as coisas boas da vida.

Desenho-Estória 33

Participante: 21 anos, mulher



Uma mulher de 40 anos, dedicada a profissão, investiu em projetos inovadores no mercado, o que fez com que enriquecesse o suficiente para viver confortavelmente, construindo sua casa do jeito que mais lhe agrada, com o carro que sempre sonhou para realizar as diversas viagens a lazer, algo que sempre gostou de fazer e agora pode se dedicar a isto devido a maior estabilidade financeira. Com os anos de psicoterapia aliada a meditação e espiritualidade, consegue levar a vida de maneira mais leve e saudável, além de lidar melhor com as exigências que ser uma mulher bem-sucedida demanda (estabilidade emocional).

Desenho-Estória 34

Participante: 21 anos, mulher



Emprego estável na cidade de NY, planeja viagens, tem apartamento próprio e mora com seus três gatos.

Capítulo 5:

Interpretando e Estabelecendo Interlocuções Reflexivas

*The watch I'm wearin'
I bought it
The house I live in
I bought it
The car I'm driving
I bought it
cause I depend on me
(Independent Women Part I - Destiny's Child)*

O presente capítulo está dividido em duas partes, segundo já enunciado em seu próprio título. A primeira delas está dedicada à definição do campo de sentido afetivo-emocional “Meu dinheiro, meu conforto e minha diversão”, bem como à ilustração desse campo a partir do próprio material. A segunda parte traz reflexões dialógicas sobre as questões que o campo criado/encontrado descortina, tendo em vista ampliar e aprofundar nossa compreensão acerca do substrato afetivo-emocional não consciente aqui produzido interpretativamente.

Lembramos que escolhemos que, dado o problema de pesquisa aqui investigado, abordar o imaginário de universitárias sobre a dupla jornada de modo indireto, evitando fazer da questão do acúmulo de obrigações profissionais e domésticas o foco de sua atenção, mas as convidando a imaginar um quadro mais amplo, vale dizer, a vida de uma mulher bem sucedida aos quarenta anos de idade,

no qual a dupla jornada poderia aparecer ou não. Seguimos, assim, caminho semelhante ao percorrido por Aiello-Fernandes (2013) quando investigou efeitos subjetivos do racismo em homens idosos, evitando tematizar a questão do preconceito por meio da demanda de narrativa da história de vida. Assim, nosso resultado interpretativo corresponde ao que respondem as participantes quando estimuladas a pensar imaginativamente sobre a vida de mulheres adultas em nossa sociedade.

O Campo de Sentido Afetivo Emocional “Meu dinheiro, meu conforto e minha diversão”

A consideração do material de pesquisa, segundo as palavras de ordem de Herrmann (2001/2004), “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido”, sustenta a proposição de um campo de sentido afetivo-emocional, a partir do qual teriam surgido condutas imaginativas que se expressam nos desenhos-estórias. Houvemos por bem denominar tal campo como “Meu dinheiro, meu conforto e minha diversão” definindo-o como aquele que se organiza ao redor da crença ou fantasia de que a mulher é bem-sucedida quando é financeiramente independente, vive confortavelmente e usufrui de lazer de qualidade.

Apresentamos, a seguir, fragmentos do nosso material que podem ser considerados como condutas emergentes desse campo:

- **Desenho-Estória 01**

Uma mulher feliz e independente. Que percebeu a tempo que a vida pode ser muito prazerosa e aproveita seu tempo livre viajando e conhecendo lugares bonitos e cheios de cultura.

Uma mulher realizada pessoal e profissionalmente que largou o emprego estressante e trabalha feliz, em um lugar que se sente respeitada e valorizada.



Desenho 01

- **Desenho-Estória 02**

Essa mulher bem-sucedida é independente, tem estabilidade financeira e trabalha fazendo o que ama. Periodicamente viaja para diferentes lugares ao redor do mundo.

Ela é cercada por pessoas que ama, equilibrando o trabalho com sua vida pessoal.



Desenho 02

- **Desenho-Estória 04**

Mulher bem-sucedida, 40 anos. Independente financeiramente. Professora de Universidade e também atua na área social (Políticas Públicas). Pratica esportes, hobby preferido é andar de bicicleta no parque e fazer trilhas. Conhecer novos lugares sempre está em seus planos, se sente realizada investindo em viagens e tendo novas experiências de vida; conhecendo novas pessoas e se dedicando ao seu trabalho.



Desenho 04

- **Desenho-Estória 06**

(...) Ela já viajou para vários países com seu marido que já esta casada a 15 anos. Eles viajam pelo menos duas vezes ao ano, e quando não esta viajando, paga para que os pais viagem e aproveitem. Ela tem casa própria, e sua casa parece com a casa que sonhava em ter em sua infância. Ela possui 2 filhas e 2 cachorros.



Desenho 06

- **Desenho-Estória 10**

Esta mulher tem 40 anos, é uma psicanalista conceituada e bem conhecida em sua cidade. Ela gosta de se vestir bem e conserva seu estilo alternativo da juventude. Ela também gosta de viajar pelo mundo e o faz com frequência, já que tem uma boa condição financeira ela é independente, dona de si, ativista política, feminista e ativa em algumas ongs. (...) Ela gosta de ler e escutar músicas que a façam sentir vida e pensar na vida. Além disso, ela costuma sair com os amigos da faculdade para barzinhos e eventos culturais.



Desenho 10

- **Desenho-Estória 12**

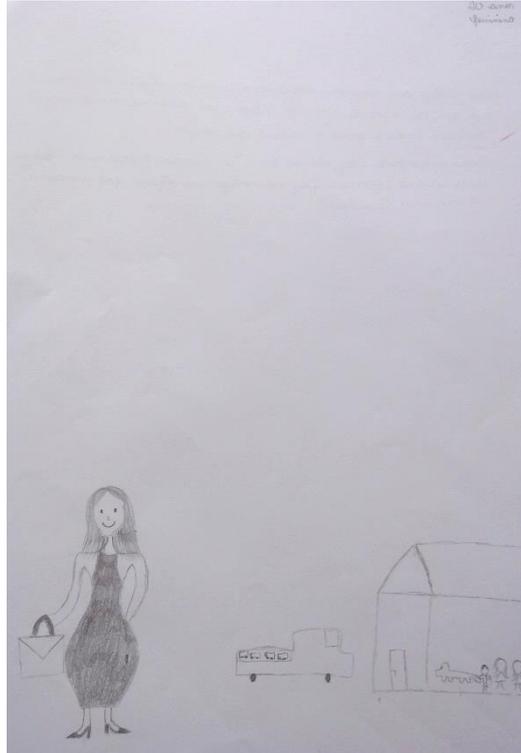
Helena é uma Psicóloga Junguiana, que mora em São Paulo em um apartamento amplo e aberto, com piso de madeira, muitas janelas grandes e plantinhas por todo canto. (...) E dirige um jeep. Faz viagens sempre que pode e investe em atividades para sua saúde física e mental como corrida yoga e meditação.



Desenho 12

- **Desenho-Estória 18**

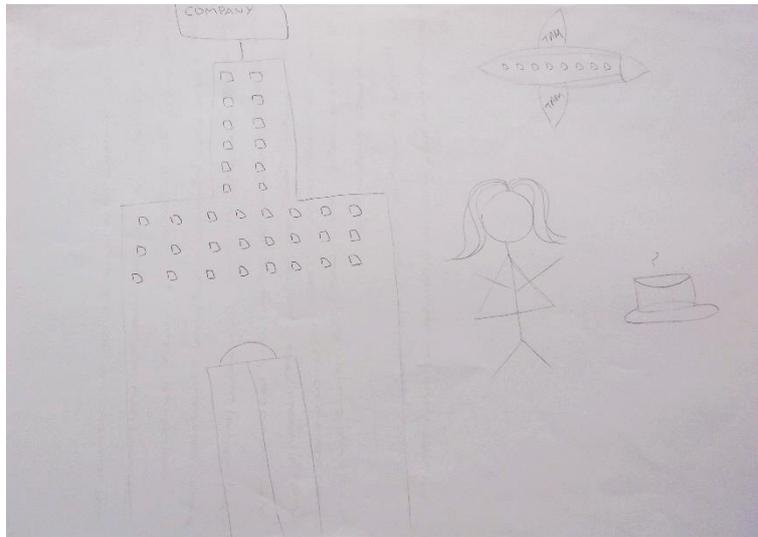
Uma mulher bem sucedida estaria trabalhando com o que ama, com um casa própria, confortável, com seus filhos e seus animais, podendo viajar nas férias escolares para o destino que desejar.(...)



Desenho 18

- **Desenho-Estória 32**

(...)Ela trabalha e é muito reconhecida pelo o que faz. Estudou e continua estudando muito sobre aquilo que gosta e fazer. Sempre que possível, procura fazer algo que lhe dá prazer, como tomar um café e / ou se cuidar. Viaja para conhecer novos lugares quando possível. (...) Acima de tudo, aos 40 anos é uma mulher muito independente e que gosta de aproveitar as coisas boas da vida.



Desenho 32

- **Desenho-Estória 33**

Uma mulher de 40 anos, dedicada a profissão, investiu em projetos inovadores no mercado, o que fez com que enriquecesse o suficiente para viver confortavelmente, construindo sua casa do jeito que mais lhe agrada, com o carro que sempre sonhou para realizar as diversas viagens a lazer, algo que sempre gostou de fazer e agora pode se dedicar a isto devido a maior estabilidade financeira.(...)



Desenho 33

Interlocuções Reflexivas

Como vimos, o campo de sentido afetivo-emocional criado/encontrado a partir do material de pesquisa foi denominado “Meu dinheiro, meu conforto e minha diversão” é definido como aquele que se organiza ao redor da crença ou fantasia de que a mulher é bem-sucedida quando é financeiramente independente, vive confortavelmente e usufrui de lazer de qualidade, o que nos parece interessante, porque as participantes não enfatizam o casamento e a maternidade como conquistas significativas, nem formas de engajamento com questões políticas, sociais e profissionais. Trata-se, como se pode notar, de um imaginário que, em grande parte, exclui a convivência conjugal, no âmago da qual a responsabilidade pelos ganhos recai mais fortemente sobre o marido que, deste modo, normalmente se coloca como gestor financeiro da família, do qual esposa e filhos seriam dependentes.

A rejeição do casamento merece reflexão. De um lado, pode ser considerado um movimento altamente positivo e libertador, que colocaria a mulher a salvo de um controle social perverso, que a obriga a se sentir fracassada caso não se case ou não tenha filhos (Zanello, 2018; Vistinin e Aiello-Vaisberg, 2017; Schulte, Gallo-Belluzzo e Aiello-Vaisberg, 2019). Pode ser que deixando de se desesperarem para obter esse tipo de realização, as mulheres contribuam para um amadurecimento dos casamentos e das parentalidades, dentro e fora do casamento.

Entretanto, parece-nos importante frisar que recusando o casamento, as participantes dessa pesquisa simplesmente neutralizam a questão da dupla jornada, para a substituir por uma vida voltada ao mundo laboral, que garante um sustento e acesso a bens de consumo sofisticado. O trabalho reprodutivo propriamente não ocupa lugar, o que é bastante compreensível, porque uma mulher que viva sozinha e tenha bons ganhos pode, em tese, não enfrentar dificuldades de autocuidado ou ter meios de contratar outra mulher, a baixo custo, como empregada doméstica, estabelecendo um vínculo que, para Federici (2019), mesmo sendo cordial, tem caráter de exploração da condição de desigualdade social.

Deixando o casamento de lado, como opção preferencial de vida, a mulher se defronta com a necessidade de auto sustento, que exige independência financeira, cuja busca está claramente posta no material da presente pesquisa. Trata-se de uma

questão antiga, causadora de muitos sofrimentos sociais, porque vivemos numa sociedade em que o pobre tem sua existência limitada e excluída de um sem número de atividades e espaços sociais. Suas raízes remontam, de acordo com Federici (2019), à instauração do sistema capitalista no ocidente, no âmago do qual a divisão de trabalho entre homens e mulheres equacionou-se como se aos homens coubesse trabalho verdadeiro e às mulheres atividades que seriam não-trabalho.

No entender da historiadora, durante a idade média teria vigorado, na Europa, um modo de produção comunitário, semelhante ao encontrado em algumas sociedades tradicionais. Os grupos familiares se encarregavam coletivamente da cultura da terra e recebiam retribuições coletivamente. O fato de algumas pessoas, normalmente mulheres, ausentarem-se uma parte do seu tempo dos campos em cultivo, para cuidar da alimentação de todos, não as excluía do grupo de trabalhadores, não as colocava na categoria de não-trabalhadoras. Esta situação se teria modificado no capitalismo, de acordo com Federici (2019), na medida em que o operário passaria a ser visto como mão-de-obra que realizava o trabalho de produção de mercadorias, possibilitando lucro e acumulação de capital, enquanto a mulher se ocuparia de tarefas domésticas compreendidas como não-trabalho, como mera extensão de sua condição de fêmea. A cozinha seria, nessa linha, a continuação do seio da nutriz, enquanto a casa prolongaria imaginativamente o abrigo uterino, servindo para o recolhimento, o descanso e o sono.

Entretanto, a realidade é que as tarefas domésticas não são vividas, concretamente, como atividade que se dão sem esforço. De fato, o que Federici (2019) conceitua como trabalho reprodutivo é fruto de esforços diários e constantes em tarefas que se desdobram em múltiplas operações, a partir das quais nossa condição concreta de seres encarnados, no sentido fenomenológico da expressão, encontra possibilidade de continuidade na temporalidade do mundo material. Compreendemos, então, que ter tornado essas tarefas básicas, de reprodução da existência de todos, um não-trabalho, ou seja, tarefa que não merece ser remunerada porque vista como expressão da natureza, venha causando um acúmulo de ressentimento da parte daquelas que são objetivamente exploradas. Estamos diante de uma situação injusta que, como sabemos, é uma das possibilidades a partir das quais podem eclodir os chamados sofrimentos sociais.

Evidentemente, a condição objetivamente injusta, na qual foram colocadas as mulheres, no mundo capitalista, precisou ser mascarada para ser mantida ao longo do tempo. Encontra-se aí a origem de imaginários de acordo com os quais o destino feminino natural seria o casamento e a maternidade, em ausência dos quais a vida da mulher não teria sentido (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017). Tais imaginários se desdobram em termos de idealização da maternidade, do casamento e da constituição da família nuclear, cujo avesso se faz sob forma de humilhação de todas aquelas que não se casam e não engravidam, de modo que talvez faça sentido conjecturar acerca de quanto sua força contribui para a manutenção de certas condições em que vigora violência doméstica por parte do parceiro conjugal (Corbett, 2014).

Essa breve contextualização histórica nos ajuda a compreender o que está em jogo quando nos defrontamos com um material de pesquisa que está claramente marcado pela forte necessidade de obtenção de independência financeira que garanta a possibilidade de autonomia, de autodeterminação. O campo de sentido emocional encontrado parece clamar por reconhecimento da mulher como ser capaz de trabalhar, de se auto sustentar, de tomar decisões e de merecer usufruir de conforto e lazer de qualidade.

Entretanto, é importante lembrar que esse verdadeiro grito de liberdade, “Meu dinheiro, meu conforto e minha diversão”, que celebra independência financeira e autonomia pessoal, só pode ocorrer no contexto da classe média que tem acesso a ensino de nível superior, mantendo-se inacessível a todas aquelas que pertencem às classes subalternas, especialmente quando negras. No material, fica claro que o poder econômico é o que possibilita dizer não ao casamento e à maternidade, bem como conquistar autonomia.

Curiosamente, a questão da reprodução da vida da própria mulher não é tematizada, de modo que nos desenhos-estórias os trabalhos domésticos não aparecem, deixando-nos sem saber se as próprias mulheres se encarregam do trabalho reprodutivo em suas casas ou se contratam mulheres de baixa-renda como domésticas. Portanto, com finalidade de obter independência econômica, as personagens dos desenhos-estórias, das participantes de nossa pesquisa, estão

voltando as costas ao trabalho reprodutivo e embarcando decididamente no mundo laboral.

Querem, parece-nos, escapar daqueles sentimentos provocados, segundo Renault (2010), pelos sofrimentos sociais: desamparo, humilhação e injustiça. Para fazê-lo, contudo, devem sacrificar outras aspirações, como a de ter um marido e a de ter filhos. Falamos aqui em sacrifícios, porque reconhecemos que, mesmo que vivamos num sistema que organiza a vida para explorar a energia dos subalternos e das mulheres, para o que se constroem imaginários que induzem escolhas individuais que incentivam o casamento e a maternidade, e punem quem a eles não adere, não deixam de existir também tendências de estabelecimento de vínculos de conjugalidade e parentalidade que, evidentemente, não seguem necessariamente os modelos mais tradicionais e conservadores. Assim, estabelecer vínculos de amor, erotismo, compartilhamento de projetos, entre os quais o de ter filhos é, sem dúvida, maximamente importante, são aspirações a que renunciam aquelas que pretendem se realizar a partir da independência financeira e da recusa ao casamento.

Entretanto, observamos, no nosso material, diferenças acerca do que deve ser sacrificado. Assim tanto encontramos uma grande maioria de desenhos-estórias de mulheres sem maridos e sem filhos (Desenhos-Estórias: 01, 02, 04, 07, 08, 20, 21, 23, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33) e desenhos-estórias de mulheres sem marido, mas com filhos (Desenhos-Estórias: 09, 10, 12, 13, 17, 18), além de produções nas quais figuram mulheres cercadas de *pets* (Desenhos-Estórias: 02, 03, 10, 12, 14, 15, 17, 18, 20, 23, 26, 33, 34), entre estas algumas sem companheiro ou filhos (02, 20, 23, 26, 33, 34), talvez aqui sendo os animais sucedâneos de crianças, com os quais alguma vinculação afetiva pode ser mantida sem que seja necessário um cuidado muito exigente. Como vemos, parece ser mais fácil abrir mão do marido do que da possibilidade de se tornar mãe.

Poderíamos nos perguntar a esta altura: será que a resolução da dupla jornada, porque é disso que se trata, requer mesmo uma solução tão drástica quanto a recusa ao casamento e à maternidade? Aqui é importante lembrar: a mulher em dupla jornada raramente ganha o suficiente porque, sendo sobrecarregada pelo trabalho reprodutivo, tem objetivamente menos chances de dedicação ao emprego, o que se

harmoniza bem com os imaginários nos quais, figurando como cidadã de segunda categoria, não mereceriam os mesmos ganhos que os homens que ocupam seus mesmos postos. De fato, como trabalham e cuidam da casa, as mulheres encontram obstáculos que dificultam sua ascensão profissional, vivendo uma condição de desigualdade em relação aos homens no contexto laboral (Hirata, 2003; Oliveira, Garcia, Gomes, Bittar & Pereira, 2012). Além disso, como consequência da dupla jornada feminina, os homens desfrutam de mais horas livres do que as mulheres (Barbosa, 2018), o que certamente lhes permite melhor recuperação do desgaste físico e mental decorrente da atividade laboral. Diante da complexidade da situação, fica claro que a forma como as jovens desta pesquisa resolveram a dupla jornada se deu por meio da desconsideração do casamento e da maternidade como projetos da mulher adulta.

Quando cultivam independência financeira, na condição de solteiras ou divorciadas, as personagens dos desenhos-estórias podem escolher livremente com o que desejam gastar os seus ganhos. E aí nos deparamos com escolhas bem interessantes, voltadas maximamente para diversão e lazer. Não encontramos nenhum outro tipo de projeto, político, religioso, esportivo, artístico, ecológico ou outro, mas com a ideia de que ganhando bem em um trabalho não estressante o melhor a fazer é ter uma boa casa, ter carro e viajar. Estão, portanto, rigorosamente bem instaladas numa sociedade capitalista voltada para o consumo, de modo que o campo de sentido afetivo-emocional, aqui criado/encontrado, fornece uma resposta: usam o dinheiro buscando aumentar seu conforto pessoal e usufruir de lazer que frequentemente inclui viagens internacionais que, como sabemos, podem ser, na atualidade, um jeito de “comprar experiências”.

A sociedade de consumo cria a sensação de que as pessoas possuem autonomia para fazerem escolhas, mas na realidade são subordinadas a reconhecimento social, numa sociedade que valoriza o ter, em detrimento do ser (Soares, 2019). Ao se inserirem em contextos, onde predomina a crença de que as pessoas são valorizadas pelo que possuem e consomem, as participantes não se mostram engajadas com os debates contemporâneos sobre a mulher no mercado de trabalho, as discriminações que sofrem, as dificuldades para alcançarem posições de liderança e a conciliação de vida profissional e maternidade. O trabalho em si não

aparece como significativo, não há histórias relativas à vinculação do trabalho a algo maior, o trabalho não tem a ver com vocação, não passa de uma forma de viabilizar o consumo para obterem coisas materiais que lhes trariam felicidade (Federici, 2019).

Quando nos desenhos-estórias surgem filhos e/ou marido e/ou animais de estimação, estão vinculados à diversão, não há referência à convivência entre seres humanos ou ao cuidado em seu dia a dia. Ficamos com a impressão de que o adulto seria, nessa perspectiva imaginativa, basicamente um consumidor, para o qual o comprar pode ser buscado inconscientemente, porque poderia promover a sensação de estar vivo (Arós, & Aiello Vaisberg, 2009).

Uma das mais sofisticadas formas de consumo, no mundo contemporâneo, é o lazer, que inclui, a partir de um certo patamar socioeconômico, a realização de turismo internacional desejavelmente frequente. O lazer é um assunto bastante complexo. Sabemos que o direito ao tempo livre foi uma das mais importantes reivindicações da classe trabalhadora na sociedade industrializada, na qual prevalecia um sistema de produção maciça de mercadorias. Atualmente, o lazer se configura não como descanso de uma estafante jornada de trabalho, mas principalmente como tempo destinado ao consumo (Soares, 2019). Curiosamente, as mulheres, que quando casadas e mães não usufruem verdadeiramente de tempo livre, uma vez que o trabalho reprodutivo nunca termina, prosseguindo mesmo em contexto de férias com a família, chegam, quando brancas, classe média e universitárias, a se inserir também no grande mercado do lazer, além de usarem muito tempo para consumir produtos que possam aumentar seu conforto. Assim, o dinheiro garante independência e autonomia, que acaba sendo usada para comprar lazer.

Como sabemos, atualmente o lazer tornou-se, na sociedade capitalista, um bem de consumo sofisticado, que hoje inclui a arte e a cultura, que tem sido coisificadas e comercializadas em grande escala (Jameson, 2002). Emblemático dessa visão do lazer como mercadoria são os próprios shoppings-centers que, misturando consumo e lazer, mostram que as pessoas são bem-sucedidas quando consomem, movimentando o mercado.

O quadro delineado até o momento, coloca-nos, portanto, em contato com uma mulher jovem que recusa a dupla jornada dizendo não ao casamento e à maternidade

ou tão-somente ao casamento e inserindo-se no trabalho produtivo para, desta forma, obter independência financeira. Rompe, desse modo, pelo menos quando se manifesta na entrevista psicológica coletiva realizada com todo um sistema que deveria convencê-la de que sua vida não tem sentido se não puder se tornar esposa e mãe.

Galgado o primeiro e mais importante degrau, no qual diz não à fantasia de que não tem valor a mulher que não se casa e não tem filhos, conquista uma certa liberdade, a de não se sobrecarregar assumindo um emprego produtivo e um trabalho reprodutivo. A partir daí se dedica integralmente a si mesma, proporcionando-se prazer, conforto e diversão, num posicionamento que não inclui objetivos que transcendam seu próprio bem-estar. Torna-se, assim, uma consumidora. Ou seja, o gesto libertador se conclui com a transformação da mulher em uma consumidora. Aquela que deixou de ser a esposa oprimida por imaginários que colocam a mulher mais próxima da natureza e da animalidade, ser mais instintivo do que racional, torna-se a consumidora, inserindo-se bem na dinâmica do capitalismo neoliberal. Quais seriam os efeitos subjetivos da mudança da esposa submissa para a consumidora que decide, a partir de suas escolhas pessoais, que mercadorias comprar?

A nosso ver, a partir do conceito winnicottiano de falso e verdadeiro *self*, podemos considerar que a organização social capitalista, que tanto despessoaliza o produtor, como o consumidor, favorece vivências sem autenticidade (Winnicott, 1960). O ser humano parece ter sempre diante de si duas possibilidades: manter-se espontâneo e autêntico, vale dizer integrado no seu sentir e no seu pensar, ou se submeter de modo não autêntico, na tentativa defensiva de minorar sofrimento (Arós, & Aiello Vaisberg, 2009, Winnicott, 1958/2000, 1960/1990). No nosso material podemos perceber um movimento de autoafirmação contra a dependência financeira no contexto do casamento, em si uma manifestação coerente com a capacidade humana de gestualidade espontânea e transformadora de si e do mundo (Aiello-Vaisberg, 2012). Entretanto, também é verdade que o gesto auto afirmativo resulta, infelizmente, na submissão lógica capitalista e aos bens de consumo, como falsa felicidade (Bauman, 2008, Federici, 2019). Deste modo, as jovens universitárias recusam imaginativamente a dupla jornada, mas se submetem à sociedade de consumo de confortos e lazer.

A submissão ao consumo pode causar sofrimento não só às jovens da classe média, mas também às das classes subalternas, na medida em que as mercadorias podem dar a impressão de preencher vazios de sentido. Nessa linha, consumir se apresenta como defesa contra vidas sem projetos significativos. Assim, o campo de sentido afetivo-emocional “Meu dinheiro, meu conforto, minha diversão” insurge-se contra a opressão da mulher dentro do casamento, mas reproduz defesas alienantes centradas no consumismo.

Podemos dizer que o estilo consumista das personagens dos desenhos-estórias indicam tendência a condutas submissas, no sentido winnicottiano do termo? Parece-nos que sim, mas nesse sentido essas personagens não se diferenciam, de modo algum, do que pratica a classe média e do que almejam as classes subalternas, enganados por um sistema que desse modo consegue simultaneamente fazer circular dinheiro e mercadorias, enquanto mantém as pessoas afastadas de si mesmas, dos demais, da possibilidade de maior amadurecimento pessoal e da possibilidade de assumir posicionamentos críticos em relação à realidade vigente.

Seria acertado afirmar que o consumismo favorece e fortalece aspectos imaturos da personalidade humana, na medida em que visa convencer as pessoas que se realizam mediante condutas acumuladores. A mulher, imaginativamente recém liberta da dupla-jornada faz parte desse grupo, com ele compartilhando a busca de prazer fugaz da posse de mercadorias, aí incluídas até as “experiências de viagem”. Recordemos que no reino do consumo a pessoa é desumanizada e despersonalizada para se tornar um ser acumulador, de um modo que apequena o ambiente social. Ora, para que o amadurecimento emocional se dê é necessário um ambiente cultural suficientemente bom (Plastino, 2012), o que não encontramos na sociedade de consumo no tempo do neoliberalismo.

Aproximamo-nos da finalização do presente capítulo, lembrando que não nos espantamos com o aparecimento do campo “Meu dinheiro, meu conforto, minha diversão”, mas sim com o fato dele reinar sozinho no material estudado, sinalizando que o movimento de libertação de padrões injustos não conduz a outras buscas significativas de vida.

A nosso ver, a extinção da dupla jornada por meio da recusa eventual ao casamento e à maternidade, como única possibilidade de realização da mulher, não deixa de representar um avanço importante, mesmo que esteja longe de representar o ponto final de uma trajetória de luta contrária à opressão feminina. Contudo, esse avanço não se realiza com plenitude por não ocorrer numa vida plena de sentidos, que inclua participação na vida social como um todo e em esferas nas quais as aspirações do *self* pudessem ser contempladas, como a arte, a ciência, a política, a religião, a ecologia ou a luta contra a injustiça. Se o ato libertário não desembocasse na conduta dissociada e consumista, um avanço significativo em direção de um viver mais autêntico, que incluiria um relacionamento mais solidário com as mulheres, poderia se instaurar. Acreditamos que é o que vai acontecer na medida em que as mulheres puderem se fortalecer e perceber a importância da luta contra a dupla-jornada.

Essa luta, a nosso ver, não pode se limitar a reivindicação de salário do Estado em pagamento a trabalhos domésticos, como quer Federici (2019), mas incluir um convite aos homens – e não somente aos pais – de maior aproximação do trabalho reprodutivo, que é uma outra forma de designar o cuidado. Homens em maior contato com o cuidado requerido pela manutenção da vida provavelmente terão suas vidas enriquecidas.

Considerações Finais

*Agora ela é solta
Sua vida é outra
Livre, leve e solta
Não é de ninguém
(Livre Leve e Solta - Raddar)*

Considerando que uma das mais importantes fontes de sofrimentos sociais das mulheres seja a chamada dupla jornada, ou acúmulo de trabalho profissional e trabalho reprodutivo, decidimos investigar a relação entre esses dois termos como problema de pesquisa, estabelecendo como objetivo do trabalho a investigação do imaginário de mulheres jovens sobre a dupla jornada.

Para tanto, fizemos duas opções a partir das quais delineamos nossa *démarche*: 1) escolhemos como participantes estudantes universitárias, considerando que provavelmente sofrerão maiores pressões, próprias e alheias, para se manterem profissionalmente ativas e 2) decidimos usar o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema tocando na questão da dupla jornada de modo bastante indireto, solicitando o desenho e história de uma “uma mulher bem sucedida de 40 anos”. Esse cuidado metodológico visou tanto facilitar o processo de associação livre e atenção flutuante das participantes como contribuir para que a entrevista psicológica coletiva transcorresse em ambiente lúdico e relaxado, favorecendo o bem-estar psicológico das universitárias.

A consideração psicanalítica dos desenhos-estórias conduziu-nos à produção interpretativa de um campo de sentido afetivo-emocional, que denominamos “Meu dinheiro, meu conforto e minha diversão”, que consideramos altamente significativo.

A nosso ver, é lícito pensar que esse campo esteja a apontar para um certo temor do vínculo conjugal, que talvez esteja sendo imaginado como o contrário do que

caracterizaria uma mulher bem-sucedida: como condição de dependência financeira, de sobrecarga de trabalho, de conjunto de obrigações aprisionadoras e geradoras de sofrimentos sociais. Ou seja, seria possível cogitar que estamos diante de uma tentativa de escapar de imaginários conforme os quais a mulher só alcançaria verdadeira realização casando-se e tendo filhos (Zanello, 2018; Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017).

Contudo, cabe lembrar que o casamento e a maternidade não se configuram como condições geradoras de sofrimento apenas porque a mulher contemporânea sofre os efeitos da dupla jornada. Na verdade, mesmo antes da possibilidade de praticar anticoncepção, regulando o número de filhos, mesmo antes da entrada no mercado de trabalho, que traz a possibilidade de independência financeira, as mulheres sofriam os efeitos do casamento como instituição, por suas características hierárquicas que garantem ao homem um poder de mando. Essa questão nem sempre é bem compreendida, na medida em que independe, até certo ponto, das características pessoais do marido. Uma analogia pode ser interessante. Para isso, podemos lembrar que muitas escravas domésticas chegaram a ser tratadas, em nosso país, com muito carinho por patroas solitárias, que por elas podiam nutrir sentimentos de amizade autêntica. Esse fato, contudo, não anulava sua condição de pessoa sequestrada da África, afastada de seus parentes, subjugada e tornada propriedade de um senhor. O mesmo pode ser dito do casamento na sociedade capitalista, enquanto instituição estruturalmente penosa para a mulher, o que não significa que em muitos casos não possa ser possível obter gratificações importantes na relação com o cônjuge. Assim, mesmo uma pessoa que está casada com um homem feminista e esclarecido, que consciente e ideologicamente não veja sentido em aderir a um imaginário segundo o qual o trabalho doméstico seria expressão da natureza feminina, encontra-se numa situação de relativa submissão recebendo o que seria, objetivamente falando, uma concessão do homem.

Então, se pensamos no casamento como instituição que visa a constituição da família nuclear, e admitimos que se torna facilmente fonte de sofrimento social, podemos compreender facilmente o material produzido pelas participantes como expressão de fuga desse modelo de vida conjugal. Claro que a fuga do casamento não significa, nos dias atuais, renúncia a experiências eróticas. Contudo, a questão

segue sendo complicada quando o desejo de ter filhos entra em cena, na medida em que é forte, na sociedade em que vivemos, a crença conforme a qual aquele que não conta maximamente com cuidados de sua mãe biológica tornar-se-ia profundamente prejudicado. Essa mãe biológica estaria melhor preparada se pudesse contar com um marido que, sendo um bom provedor, pudesse liberá-la de preocupações, sobretudo financeiras, para que ela pudesse se dedicar integralmente aos filhos.

Temos, assim, a impressão de que nos encontramos, ao examinar os desenhos-estórias produzidos pelas participantes, diante de uma manifestação que diz não, com tranquilidade tanto à condição de esposa tradicional, que se define como “do lar”, bem como à esposa atualizada, que vive a dupla jornada. Contudo o que dizer se esse posicionamento custar uma renúncia à maternidade? Os vários cães e gatos, que apareceram em alguns desenhos, parecem apontar para uma necessidade de afeto e companhia que faz pensar em um tipo de criança que amaria incondicionalmente, mas não exigiria tantos cuidados. De fato, os animais têm a curiosa característica de se afeiçoarem aos donos sem demandar o nível de cuidado que as crianças demandam. Portanto, os diversos “*pets*” das mulheres bem-sucedidas, imaginados pelas participantes tanto representam como substituem os filhos, segundo uma lógica paradoxal, bastante apreciada por Winnicott (1971/1975), por bem retratar o mundo emocional, de que “os animais não só são filhos como também não o são”.

Finalizamos lembrando que nos encontramos em um período histórico que parece se caracterizar por grandes mudanças. Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para a produção de conhecimento psicológico compreensivo que apresente utilidade clínica mas também contribua com lutas, por transformações significativas da vida feminina – que facilmente se conectam com posturas antirracistas, anticlassistas, anti-homofóbicas e outras, para que todos possam viver melhor, em convergência com o pensamento de Bell Hooks (2000/2017). Assim, estaremos nos inserindo num movimento maior de constituição de um humanismo radical e libertário, que se funda na possibilidade de solidariedade, respeito e consideração entre as pessoas e coletivos humanos.

Referências Bibliográficas

- Aiello-Fernandes, R. (2013). Da entrada de serviço ao elevador social: racismo e sofrimento. 2013. 146 p. Dissertação de Mestrado em Psicologia (não publicada) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Aiello-Fernandes, R., Ambrosio F.F., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012) O Método Psicanalítico como Abordagem Qualitativa: Considerações Preliminares. In Tardivo, L.S.L.P.C. & Aiello-Vaisberg T.M.J. (org.) *Anais da X Jornada Apoiar: A clínica social - 20 anos: o percurso e o futuro* (pp. 306-314). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello-Fernandes, R.; Leão, T. S. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2015). “Maldito Vírgula”: Imaginário sobre Racismo na Obra de Itamar Assumpção. In Tardivo, L.S.L.P.C. & Aiello-Vaisberg T.M.J. *Anais da XIII Jornada Apoiar: Cuidado e Prevenção em Saúde Mental: propostas e Pesquisas* (pp. 344-357). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello-Fernandes, R.; André, D. P. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). “Pretobrás: Porque eu não pensei nisso antes”: racismo em composições de Itamar Assumpção. In Tardivo, L.S.L.P.C. & Aiello-Vaisberg T.M.J. (org.). *Anais da 14ª Jornada Apoiar Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Propostas e Pesquisas* (pp. 372-387). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de livre-docência (não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012). Paradoxo e loucura: a radicalidade do pensamento psicopatológico de Winnicott. In: I. Sucar; h. Ramos, *Winnicott: ressonâncias*. São Paulo: Primavera Editorial, p. 231-238.

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo Clínico ser e fazer: resposta crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento social. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 41-62.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J & Machado, M.C.L. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. In: *Anais do IV Encontro Latino Americano dos Estados gerais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Brasil. Rio de Janeiro: Estados Gerais da Psicanálise.
- Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Machado, M.C.L. (2008). Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da teoria dos campos. In J. Monzani & L.R. Monzani (Orgs.). *Olhar: Fábio Herrmann uma viagem psicanalítica*. São Carlos,SP: Pedro e João Editores/CECH - UFSCar, p. 311-324.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Ayouch, T., Caron, R., & Beaune, D. (2009). Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In: D. Beaune (Org.). *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues* (Vol. 1, pp. 39-52). Paris: L'Harmattan
- Ambrosio, F.F., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2014) A importância do conceito de campo no procedimento de Ambrosio e Vaisberg. In Tardivo, L.S.L.P.C. & Aiello-Vaisberg T.M.J. (org.). *Anais da XII Jornada Apoiar: A clínica social - propostas, pesquisas e intervenções*. (pp 122-134). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Arós, A. C. S. P. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). Clube da luta: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(2), 3-17.
- Assis, N. D. P., Aiello-Fernandes, R. & Vaisberg, T. M. J. A. (2016). 'Problemáticos ou Invisíveis': o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. *Memorandum (Belo Horizonte)*, 31, 259-275.
- Ávila, C. F., Tachibana, M., & Vaisberg, T. M. J. A. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(39), 155-164.

- Bandeira, E.L., Ferreira, V.C. & Cabral, A.C.A. (2019) Conflito Trabalho-Família: a Produção Científica Internacional e a Agenda de Pesquisa Nacional. *Revista Eletrônica de Administração*, 25(1), 49-82
- Bauer, C. (2010). *A classe operária vai ao campus – esboço de história social, trabalho precário, resistência e ousadia na universidade Brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora instituto José Luís e Rosa Sundermann.
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Barbosa, A. L. N. D. H. (2018). Tendências na alocação do tempo no Brasil: trabalho e lazer. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 35(1).
- Barbosa, A. R. G., & Alvarez, D. (2016). Trabalho feminino no setor offshore na Bacia de Campos-RJ: percepção das trabalhadoras e estratégias usadas na gestão dos tempos de vida e de trabalho. *Gestão & Produção*, 23(1), 118-131. Doi: 10.1590/0104-530X1600-14
- Barros, S. C. da V., & Mourão, L. (2018). Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. *Psicologia & Sociedade*, 30, e174090. Doi:10.1590/1807-0310/2018v30174090
- Beltrão, K. I. (2002). *Acesso à educação: diferenciais entre os sexos*. Rio de Janeiro: IPEA
- Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia (BVS-Psi) (s/d). Histórico do Projeto. Recuperado 23 agosto de 2018. <http://www.bvs-psi.org.br/php/level.php?lang=pt&component=19&item=37>.
- Bleger, J. (1979/1980). *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1979).
- Bleger, J. (1963/2007). *Psicologia da conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1963).

Borges, M.C. & Aquino, O.F. (2012). Educação Superior no Brasil e as políticas de expansão de vagas do Reuni: avanços e controvérsias. *Educação: teoria e prática*, 22(39).

Brasil. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Recuperado em 08 dez 2019 <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

Brasil. (s/d) Secretaria De Desenvolvimento Social – Sedes. O que é o Bolsa Família. Recuperado em 08 dez 2019 <<http://www.sedes.df.gov.br/bolsa-familia/>>

Campos, E. B. V. (2009). *Representação e afeto no segundo modelo tópico e pulsional freudiano*. Tese de Doutorado (não publicada), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Campos, E. B. V. (2011). Limites da representação na metapsicologia freudiana. *Psicologia USP*, 22(4), 851-878.

Chinalia, M. J.; Aiello-Fernandes, R. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Uso de documentários na pesquisa qualitativa psicanalítica: algumas considerações. In Tardivo, L.S.L.P.C. & Aiello-Vaisberg T.M.J. (org.). *Anais da XII Jornada Apoiar-A clínica social: propostas, pesquisas e intervenções*. (pp 171-183). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Chinalia, M. J. S. (2017). *“Cadê o leite do meu neto?”: A relação entre os crimes de bagatela e o sofrimento social*. Tese de doutorado (não publicada). Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Corbett, E. (2014). *“Contos sem fadas”: mães e filhos em situação de violência doméstica*. Tese de Doutorado (não publicada). Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

Cunha, M. S., & Vasconcelos, M. R. (2016). Fecundidade e participação no mercado de trabalho brasileiro. *Nova Economia*, 26(1), 179-206. Doi:10.1590/0103-6351/2390

- Federici, S. (2019). *O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista*. São Paulo: Elefante.
- Ferreira-Teixeira, M. C.; Gallo-Belluzzo, S. R. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). O imaginário da adoção homoparental no filme “Patrick, 1.5”: considerações preliminares. In Tardivo, L.S.L.P.C. & Aiello-Vaisberg T.M.J. (org.). *Anais da XII Jornada Apoiar – “A clínica social – Propostas, Pesquisas e Intervenções”*, (pp. 144-157), São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
- Ferreira, G. F., Bastos, Sérgio A. P., & S D’angelo, M. J. (2018). A look at women's transition from formal labor to self-employment based on endogenous stimuli. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 19(2),
- Figueiredo, D. de C., Nascimento, F. S., & Rodrigues, M. E. (2017). Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras*. *Linguagem em (Dis)curso*, 17(1), 67-88.
- Fraser, N. (2019) Feminismo, capitalismo e a astúcia da historia. In H. B. Hollanda (org) *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Frohlick, S. (2006) Wanting the Children and Wanting K2’: The incommensurability of motherhood and mountaineering in Britain and North America in the late twentieth century. *Gender, Place and Culture* (13) 5, pp. 477–490.
- Fulgêncio, Leopoldo. (2013). Pode haver uma ciência psicanalítica sem uma metapsicologia especulativa?. *Scientiae Studia*, 11(3), 491-510.
- Fulgêncio, L. (2015). Apontamentos para uma análise da influência do existencialismo moderno na obra de Winnicott. *Ciência e Cultura*, 67(1), 36-39. Doi:10.21800/2317-66602015000100013
- Fulgêncio, L. (2017). Compulsão à repetição no contexto analítico para Winnicott. *Revista de Filosofia Aurora*, 23(33), 493-506.

- Gallo-Belluzzo, S. R., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). The First Experience of Clinical Practice on Psychology Students' Imaginary. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 23(56), 389-396
- Goldmann, L. (1971). Pensée dialectique et sujet transindividuel. In: *La Création culturelle dans la société moderne*, Paris, Gonthier, 1971, pp. 121-154
- Gomes, V., Machado-Taylor, M. L., Saraiva, E. V. (2018). O Ensino Superior No Brasil: breve histórico e caracterização. *Revista Ciência & Trópico*, 42(1), 106-129.
- Greenberg, J. R. & Mitchell, S. A. (1983/1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1983).
- Herrmann, F. (1979/1991). *O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1979).
- Herrmann, F. (2001/2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann & T. Lowenkron (Orgs.), *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 43-83). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 2001).
- Herrmann, F. (2005). Psicanálise e Pesquisa. *Jornal de Psicanálise, São Paulo*, 38,69, 259-271.
- Hirata H. (2003). *As Novas Fronteiras da Desigualdade - Homens e Mulheres no Mercado de Trabalho*. São Paulo: Senac; 2003.
- Hooks, B. (2000/2017) *El feminismo es para todo el mundo*. Madrid: Traficantes de Suenos (Original publicado em 2000).
- INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2018). Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira. Censo. 08 de Março de 2018. Recuperado em: 24 de fevereiro de 2019 http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206

- Jameson, F. (2002). *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática
- Kernberg, O. (1975). *Borderline conditions and pathological narcissism*. New York: Jason Aronson.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1967/2001). Vocabulário da psicanálise. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1967).
- Losada, B. L., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Redefinindo a atividade profissional feminina: Caso das pequenas empresárias. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 12(3), 493-502. Doi:10.1590/S1413-73722007000300006
- Madalozzo, R., & Blofield, M. (2017). Como famílias de baixa renda em São Paulo conciliam trabalho e família?. *Revista Estudos Feministas*, 25(1), 215-240. Doi:10.1590/1806-9584.2017v25n1p215
- Medeiros, M., & Pinheiro, L. (2018). Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil, 2013. *Sociedade e Estado*, 33(01), 161-187.
- Oliveira, E. R. A. D., Garcia, Á. L., Gomes, M. J., Bittar, T. O., & Pereira, A. C. (2012). Gênero e qualidade de vida percebida: estudo com professores da área de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17, 741-747.
- Packer, A. L., Cop, N. & Santos, S. M. (2014) A Rede SciELO em Perspectiva. In A. L. Packer, N. Cop, A. Luccisano, A. Ramalho & E. Spinak. *SciELO - 15 Anos de Acesso Aberto (Um estudo analítico sobre Acesso Aberto e comunicação científica)*. Paris: Unesco. Doi:10.7476/9789237012376.
- Pessoa, M. L. S., & Borges, J. L. de J. (2018). Questões e tensões: alguns paradoxos do feminismo. *Revista Katálysis*, 21(3), 544-553. Doi: 10.1590/1982-02592018v21n3p544
- Piketty, T. (2019). *Capital et idéologie*. Paris: Seuil
- Plastino, C. (2012). A emergência espontânea do sentimento ético como tendência da natureza humana. *Winnicott e-prints*, 7(1), 80-113.

- Politzer, G. (1928/1998). *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: Unimep. (Original publicado em 1928).
- Queiroz, V. dos S., & Aragón, J. A. O. (2015). Alocação de tempo em trabalho pelas mulheres brasileiras. *Estudos Econômicos (São Paulo)*, 45(4), 787-819.
Doi:10.159126p.0/0101-416145484vqj
- Renault, E. (2010). A critical theory of social suffering. *Critical Horizons*, 11(2), 221-241.
- Ricoldi, A., & Artes, A. (2016). Mulheres no ensino superior brasileiro: espaço garantido e novos desafios. *Ex Aequo*, (33), 149-161.
- Riemenschneider, F. (2015). *Buscando a cura pelo conhecimento: imaginário de estudantes sobre o curso de psicologia*. Tese de Doutorado (não publicada). Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Rodrigues, L. M. (2016). *O imaginário de adolescentes sobre o esporte: um estudo psicanalítico*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Santos, S. S. & Oliveira, L. P. S. (2017). O Direito Ao Desenvolvimento Como Uma Ferramenta Na Promoção Da Igualdade Entre Gêneros No Mercado De Trabalho. *Revista de Gênero, Sexualidade e Direito. (Maranhão)* 3(2), 43 – 61.
- Sas, S. A. (2002). Situations sociales traumatiques et processus de la cure. *Revue française de psychanalyse*, 66(3), 923-933.
- Scielo (s/d). Scientific Electronic Library Online. Recuperado em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_home&lng=pt&nrm=iso .
- Scott, A.S. (2012) O caleidoscópio dos arranjos familiares In: Pinsky, C.B. & Pedro, J.M. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.

- Schulte, A. A.; Gallo-Belluzzo, S. R. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016a). Postagens em blogs pessoais: aproximação do acontecer humano em pesquisas psicanalíticas. *Psicologia Revista*, 25(2), 227-241
- Schulte, A. A.; Gallo-Belluzzo, S. R. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016b). Experiência emocional sobre a maternidade veiculada em blogs brasileiros: considerações iniciais. In Tardivo, L.S.L.P.C. (org). *Anais da XIV Jornada Apoiar: saúde mental e interdisciplinaridade: propostas e pesquisas*. (pp. 235-245) São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Schulte, A.A., Gallo-Belluzzo, S.R., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2017) Mãe brasileira trabalhando no exterior: considerações preliminares. In Tardivo, L.S.L.P.C. (org). *O procedimento de desenhos-estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso* (e-book). (pp 286-305). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg (2019). A experiência emocional de autoras de mommy blogs. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina*: 10(1), pp. 107-130
- Simon, R. (1989). *Psicologia clínica preventiva: novos fundamentos*. São Paulo: EPU.
- Simon, R. (2015). A psicoterapia no século XXI: possibilidades, novas perspectivas, desafios. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, 23(2), 69-74.
- Soares, J. M. (2019) O lazer e o tempo do não trabalho no capitalismo: as ilusões do consumo. *Licere*, Belo Horizonte 22(3).
- Sousa, L. P. de, & Guedes, D. R.. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30(87), 123-139.
Doi.org:10.1590/S0103-40142016.30870008
- Trinca, W. (1976). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. Belo Horizonte: Interlivros.

- Vieira, A.; & Amaral, G. A. (2013). A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. *Saúde e Sociedade*, 22(2), 403-414. Doi:10.1590/S0104-12902013000200012
- Visintin, C., & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2017) Maternidade e sofrimento social em mommy blogs brasileiros. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 19(2), 98-107. Doi:10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p98-107.7
- Winkler, V. T. C. (2019) *Imaginários coletivos de mulheres jovens sobre tornar-se adulta*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. 2019
- Winnicott, D. W. (1958/2000) *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, (Trabalho original publicado em 1958).
- Winnicott, D.W. (1960). Distorção do ego em termos de self verdadeiro e falso. In: D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982, p. 128-139.
- Winnicott, D. W. (1964/1989). The squiggle game. In C. Winnicott (org.). *Psychoanalytic explorations* (pp. 299-317). London: Karnac.
- Winnicott, D. W. (1971/1975). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1975).
- Winnicott, D.W. (1979/1983). O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Sulina. (Original publicado em 1979).
- Yoshida, E. M. P. (2008). Significância clínica de mudança em processo de psicoterapia psicodinâmica breve. *Paidéia*, 18(40), 305-316.
- Yoshida, E. M. P. (2012). Psicoterapias psicodinâmicas. In M. E. N. Lipp & E. M. P. Yoshida (Orgs.), *Psicoterapias breves: nos diferentes estágios evolutivos* (p. 1-17). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Zanello, V., Fiuza, G., & Costa, H. (2015). Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 238-246. doi:10.1590/1984-0292/1483

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.

Zibetti, M. L. T., & Pereira, S. R. (2010). Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. *Educar em Revista*, (spe2), 259-276. Doi:10.1590/S0104-40602010000500016.

Anexos

Parecer Comitê de Ética..... 111

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... 115

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O Imaginário Coletivo de Estudantes de Psicologia sobre Mulheres Bem-Sucedidas

Pesquisador: Bruna Risquoto Batoni

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 95440618.8.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.879.515

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa empírica, que utilizará o método psicanalítico, operacionalizado a partir de indicações metodológicas de Bieger e de contribuições de Hermann. Nesta pesquisa os procedimentos investigativos a serem considerados são quatro: 1) procedimento de produção do material; 2) procedimento de registro das comunicações; 3) procedimento de interpretação do material clínico; 4) procedimento de interlocuções reflexivas. A pesquisa será realizada com alunos do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sendo que a participação será voluntária e com a possibilidade de se retirarem da pesquisa a qualquer momento e sem nenhum prejuízo. Será utilizada a técnica de amostragem por acessibilidade. A pesquisadora utilizará o tempo de aula para as entrevistas psicológicas coletivas e contará com os Participantes presentes na sala no momento da pesquisa. O critério de inclusão será: o(a) aluno(a) deve estar devidamente matriculado(a) no curso de Psicologia pertencente à instituição de Ensino onde ocorrerá a pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

investigar o imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre a mulher adulta com formação universitária completa, considerando que esta provavelmente se defrontará com o desafio de ter que harmonizar suas atividades profissionais e pessoais.

Continuação do Parecer: 2.679.515

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora refere que a abordagem dialógica transicional do Procedimento Desenho-Estória com Tema torna mínima a possibilidade de riscos durante a entrevista psicológica (Bieger, 1979/1980) apresentar riscos mínimos. Se houver desconforto, serão tomadas providências imediatas, no sentido de garantir o bem-estar dos participantes.

Refere ainda que a participação nesta pesquisa pode trazer benefícios a curto, médio e longo prazos, à medida que é um momento em que os alunos poderão entrar em contato com ideias e percepções acerca de sua vida pessoal e profissional, que estavam inconscientes. Em relação aos benefícios imediatos, eles se devem à configuração da entrevista psicológica (Bieger 1979/1980) como uma consulta terapêutica, proporcionando oportunidade de expressão emocional que, sendo acolhida pela psicóloga/pesquisadora, pode contribuir, ainda que pontualmente, para o fortalecimento afetivo-emocional do entrevistado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão adequados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências. O projeto está aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS nº. 466/12, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: **Aprovado.**

Conforme a Resolução CNS nº. 466/12, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas



Continuação do Parecer: 2.879.515

os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1188439.pdf	25/07/2018 10:26:43		Aceito
Folha de Rosto	folhadestomulheresBS.pdf	25/07/2018 10:23:45	Bruna Risquioto Batoni	Aceito
Outros	cartadeaviso.pdf	25/07/2018 10:18:18	Bruna Risquioto Batoni	Aceito
Outros	CartaoPareceristaRespostasPendenciasMulheresBemSucedidas.pdf	25/07/2018 09:49:28	Bruna Risquioto Batoni	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_ CEP_2722600.pdf	25/07/2018 09:48:51	Bruna Risquioto Batoni	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AceiteInstitucionalFacPiscolmaginarioColetivodeEstudantesdePsicologiaSobreMulheresBemSucedidas.pdf	25/07/2018 09:48:30	Bruna Risquioto Batoni	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AceiteInstitucionalCCVImaginarioColetivodeEstudantesdePsicologiaSobreMulheresBemSucedidas.pdf	25/07/2018 09:48:16	Bruna Risquioto Batoni	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEOImColEstudantesPsicoMulheresBSAtualizado.pdf	25/07/2018 09:47:23	Bruna Risquioto Batoni	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoOimColEstudantesPsicoMulheresBS.pdf	25/07/2018 09:46:46	Bruna Risquioto Batoni	Aceito

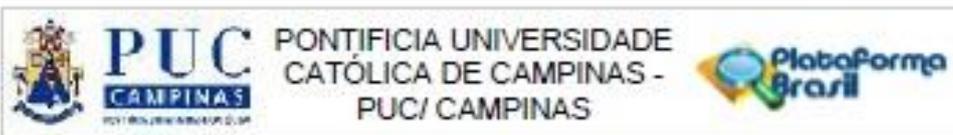
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.087-571
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 Fax: (19)3343-6777 E-mail: contadadefics@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer 2.679/2018

CAMPINAS, 06 de Setembro de 2018

Assinado por:
Silvana Mariana Sreberniok
(Coordenador)

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.087-571
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3343-5777 Fax: (19)3343-5777 E-mail: comtedesitor@puc-campinas.edu.br

Página 06 de 06

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está convidado a participar gratuitamente da pesquisa "O Imaginário Coletivo de Estudantes de Psicologia sobre Mulheres Bem-Sucedidas". A responsável por este projeto é a mestranda Bruna Risquoto Batoni, orientada pela Profa. Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, da Puc-Campinas.

Objetiva-se investigar no presente estudo o imaginário de estudantes de psicologia sobre mulheres que completaram a formação em ensino superior, o que lhes permite ingressar no mundo laboral não apenas em virtude de carência financeira, mas, também, em busca de realização profissional. Justifica-se a partir de estudos que apontam que a mulher com formação universitária se defronta com desafios.

Aceitando este convite, você participará de uma entrevista psicológica coletiva com seus colegas de turma, durante a qual será solicitado(a) a fazer o Procedimento Desenho-Estória com Tema. Após a realização dessa tarefa, você terá a possibilidade de conversar a respeito do tema proposto e da experiência vivida. Não haverá gravação ou filmagem da entrevista. O material produzido ficará com as pesquisadoras para análise e os arquivos serão guardados por 5 anos, após o término da pesquisa.

Durante essa atividade a possibilidade de riscos é mínima. Caso ocorra algum desconforto mínimo, você poderá contar com atendimento imediato da própria pesquisadora, que é psicóloga clínica, legalmente autorizada a exercer a profissão sob registro número 06/134472 no Conselho Regional de Psicologia (CRP).

A participação nesta pesquisa apresenta, como benefício, proporcionar-lhe oportunidade de entrar em contato com ideias e percepções acerca de sua vida pessoal e profissional. A sua participação é voluntária, de modo que a sua recusa não ocasionará qualquer penalidade, prejuízo ou perda de benefícios. Você não terá custos e, também, não receberá nenhuma compensação financeira. Você poderá perguntar o que desejar e é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento.

A pesquisadora manterá a sua identidade sob sigilo, segundo os padrões éticos e profissionais da Psicologia. Você não será identificado(a) no material que produzir e em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento será fornecida a você.

Se você tiver dúvidas durante a realização da entrevista psicológica coletiva, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato com a pesquisadora Bruna Risquoto Batoni, através do telefone (19) 9 9883 1098 ou pelo e-mail: brbatoni@bol.com.br, para esclarecê-las. Questões de ordem ética podem ser esclarecidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, de 2ª a 6ª feira das 8h00 às 17h00, órgão que aprovou esta pesquisa. Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, Cidade de Campinas - SP - CEP: 13.087-571; telefone/fax: (19) 3343-6777; e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br.

Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima, de maneira detalhada, e pude ter oportunidade de esclarecer minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e sair da pesquisa. Tenho ciência de que os resultados da investigação serão divulgados em encontros científicos e em publicações em revistas especializadas. Estou ciente de que serão mantidos o sigilo e a privacidade do meu nome na pesquisa.

Declaro que concordo em participar desse estudo, que recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual li e esclareci as minhas dúvidas.

Campinas, _____ de _____ de _____

Assinatura da pesquisadora

Assinatura do participante